

O LUZEIRO

Revista Mensal publicada pela Editora "O LUZEIRO" Ltda.

SUPERVISOR:

Prof. H. J. Souza

DIRETOR RESPONSÁVEL:

Eng. Clovis Bradaschia

REDATOR-CHEFE

Dr. Ermelino J. Pugliese

GERENTE:

Eng. G. E. Malschitzky

SECRETARIO:

Dr. Guedes Pereira

TESOUREIRO:

Luiz Boschetti

As opiniões emitidas em artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



SUPLEMENTO DA REVISTA "DHÂRANÂ"

SUMARIO

Ecce Homo! . . .

"Justus et Perfectus".

Relembrando o Passado.

Sublime Causalidade!

Homenagem aos Dois Grandes Luminares do Teatro Religioso e do Teatro Popular: José de Anchieta e José de Alencar.

Hino Nacional Brasileiro
Versão Guarani.

É permitida a transcrição parcial ou total dos artigos, desde periódico, desde que citada a sua origem.

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL

E C C E H O M O ! . . .

PIZARRO LOUREIRO (2)

Abrindo o velário da grande ribalta espiritual, na qual, numa simbólica representação, se desdobraria aos olhos e à consciência dos leitores de DHÂRANÂ, a esplêndida e inesquecível peça, que é a **Secção Especial dedicada a São Lourenço**, neste número concluída, tive ocasião de predizer os tesouros de beleza, de ensinamentos, de verdades e de grandezas ocultas que ela transmitiria, entre marcações maravilhosas, contracenagens magistrais e cenários empolgantes. Disse que ela seria uma mensagem de suprema significação espiritual, a antevisão de um mundo nem sempre acessível à nossa pobreza de inteligência e à nossa enublada consciência e que ela filtraria, por certo, cachoeiras de luz através da espessa cortina mayávia que nos separa dos manjares abundantes, das verdades primordiais, das belezas eternas, onde a paz perfeita e a contemplação divina, escrevem poemas infinitos de ternura, de generosidade, de fraternidade e, sobretudo, de amor.

Disse-vos que essa peça era um raro e singular privilégio a todos concedido; porque, em realidade, através de estranhos conúbios entre cenas materiais e quadros espirituais, ela traria a tódas as inteligências sedentas de belo, e a tódas as consciências ansiosas de verdade, ângulos claros e luminosos, de onde se pode vislumbrar o mundo a que todos aspiramos, estradas reais e imponentes por onde passam os eleitos, jornada diuturnamente, a grande viagem em busca da Canaã prometida desde o alvorecer das idades, caminho de Damasco da redenção e da imortalidade.

Como **compère** da peça fiz a sua apresentação. Mas, antes de cerrar o velário, que dá por finda a representação desse Auto admirável, que ficará para sempre

AVISO IMPORTANTE

Para a perfeita compreensão do presente número de "O LUZEIRO", que deve ser lido atentamente "com os olhos do Espírito", recomendamos a leitura de dois números anteriores: 11 e 13/14. (A Red.)

na vossa memória e no vosso coração, dir-vos-ei algo sobre a figura que resplandece na postada do presente número e muita coisa também de outra figura que encarna, em nosso meio, o mistério das mistérios, a suprema responsabilidade crística dos redentores sofrimentos. . .

A capa com que hoje Dhâranâ se apresenta, simboliza o «Cavaleiro das Idades», aquele Ser misterioso e infinitamente grande que vela pela humanidade e pelos mundos e que tão profundamente vive no coração dos homens de fé ou de sentimento, dos homens que ultrapassaram os umbrais da vida terrena precível, para gozar com a vista do espírito o panorama das belezas infinitas e eternas que está reservado àquêles que se venceram a si mesmos, para integrar-se na sabedoria e verdade universais.

Jorge, George, Gorge ou Akdorge, como é chamado em certas línguas, seu nome filtra nas almas, através de milênios, um duplo sentido, poético e heróico. Poético, porque lembra os lendários cavaleiros andantes do ideal e da honra, pelejando entre as misérias do mundo, no seu **corcel branco**, em defesa do amor, da verdade e da beleza.

Heróico, porque nos transmite a bravura de um Sêr que não teme o mundo visível com todo o seu poder maléfico e enfrenta esse outro mundo simbólico, de onde as trevas forcejam por expulsar a luz que resplandece, como um sol de esperança, nos céus visíveis da humanidade angustiada e aflita, que se atropela na busca ofegante e dolorosa da sobrevivência.

Maitri, Maitreya, na Índia; Akdorge, no Tibet; Erdemi, na Mongólia; Perseu, na mitologia grega; Ele é o símbolo da Redenção da Mônada, isto é, da humanidade, tão bem representada no Prometeu encadeado ao Cáucaso — cárcere carnal — à espera do Epimeteu libertador. Por isso mesmo, semelhante ao arcanjo Miguel, ou Michael, que deu combate aos exércitos do Mal, e que se encontra à porta do Paraíso Terrestre com sua espada flamejante, não para que ali não tenha

guarida novamente a primeira parelha humana, como quer a Bíblia, mas guardando-a até que chegue a Idade do Andrógino Vitorioso, reconduzindo-o à sua maravilhosa Unidade primitiva, perdida com a queda no sexo...

Ackdorge, como símbolo guerreiro de Maitri, representa o magnífico e fecundo tronco, de onde se originou, em floração humana, a prodigiosa série dos **Yokanans** anunciadores ou Arautos Dêle mesmo, através de seus avatares, e de todos os Manús raciais, porque Maitri equivale, como Planetário da Ronda — ao Manú Semente, ao Manú colheita. Por isso mesmo, folhas preciosíssimas dessa eterna árvore da Sobedoria, como os próprios Budhas o são da Árvore de Adhi-Budha. Daí procede o significativo lema de certa fraternidade do Norte da Índia: **Adhi Budha Vaham Budha**, como expressão de «Budha veículo de Adhi-Budha», o que só por si explica tudo quanto nos fosse dado revelar sobre tão transcendental mistério.

Ackdorge é, ao mesmo tempo, o escudo defensivo da própria humanidade até que se manifeste, em sua forma plena e integral, Maitri, Redentor Síntese, ou, melhor, o verdadeiro Prometido ou Anunciado, desde tempos imemoriais, pelos Rishis, Munis, Arhats, Sibilas e Profetas.

Completam ainda o mistério dessa figura de tão alto porte divino e de tão importante Missão na face da terra, as duas letras misteriosas: — J. e B., que muitos iniciados adotaram por nome oculto. José Bálamo (Cagliostro), por exemplo, representando a maçonaria egípcia, não podia deixar de possuir um nome esotérico contendo as duas simbólicas letras iniciáticas. Os próprios termos **Jerusalém** e **Belém**, tão da intimidade das tradições cristãs, lugares do nascimento e da morte simbólica de Jeoshua Bem Pandira, o chamado Jesus pelos que desconhecem a vida real dêsse Ser iluminado, se relacionam com o caso.

Do mesmo modo, Yokanan ou o mítico João Baptista (J. B.) como predecessor do **Messias prometido**, símbolo que se biparte e que a cada idade surge na face da terra, porque a redenção humana se fará através de quantos Redentores sejam necessários, numericamente, para o Redentor Síntese, pois que êste só poderá vir na consumação final da evolução humana, como integração de uma humanidade salva ou redimida pelos seus próprios esforços e sacrifícios. Os Yokanans são o símbolo também das colunas laterais do iluminado templo da verdade (J. B., ou duas veredas e caminhos). A coluna central, ou do Karma, é Êle, o chamado Messias, o Messiah ou Sosioh persa, o Maitreya das tradições transimalaias, a quem se tem erguido monumentos e estátuas, no transcurso dos tempos imemoriais, do passado ao presente e «cuja vinda será no Ocidente», como afirmam, veladamente, tais tradições.

Tudo isto está ligado, por laços invisíveis entrecidos pelo espírito do tempo, que é a manifestação inspiradora do próprio Logos, ao nome de Shamballah — «País do Ocidente».

A coluna do centro, simbolizada pelo Karma, é o caminho de todos os Crestos, ou o **homem da dor**, que em Cristos se hão de tornar, quando, jornada após jornada, tiverem alcançado a grande Meta, que é a consciência plena de si mesmos, a integração absoluta do espírito com o Ego radioso, cuja fusão faz explodir, em chispas de divinas idéias, a luz imortal da Redenção.

Além das definições exegéticas de Bournouff e de outros famosos conhecedores do sânscrito a respeito

da palavra Maitreya, encontramos em «Fragments extraits du Kandjour» (Annales du Musée Guimet, T. V. pág. 84) o seguinte: «Maitreya (ou do amor, Maitreya ou Maitri-Samadhi). Em tibetano, **Byamspa, Ting-fe-hdzin** é o Samadhi ou contemplação. **Byams-pa** significa compaixão ou complacente e corresponde a Maitri e a Maitreya. Maitri é o amor distribuído entre todos os seres. Maitreya é o nome do Budha que deve aparecer quando acabar o período assinalado a Sakia-Muni».

Tôdas estas definições são muito importantes, no entendimento dos homens, êsse nome, envolto no súdário misterioso de seu casulo divino. Podemos, porém, acrescentar-lhe mais alguns valores de definição, que só hoje se podem revelar. Maitri provém de **Maya** — matéria ou ilusão — e **tri** — três —, que, traduzido literalmente, nos dá «três vézes ilusão». No seu mais profundo sentido oculto é, porém, aquêle que venceu as três qualidades de matéria — os três corpos, os três mundos. Ê, portanto, o «Senhor dos três mundos», o Rei dos Reis, simbolizado maravilhosamente no **Rei do Mundo**, no seu trono de estrêlas e de sóis, entre os dois ministros, suas colunas laterais (J. e B.); síntese dos três caminhos, lembrado também nos três reis magos.

Até aqui vos falei de Akdorge, na sua glória excelsa e no seu simbolismo maravilhoso. Falar-vos-ei agora de um homem, que é um símbolo vivo da nova idade, que os séculos rolando pelo mundo vão aproximando da Humanidade.

«No começo do século XX, um outro Ser mais instruído e mais apto será enviado para dar as provas finais e irrefutáveis de que existe uma Ciência chamada **Gupta-Vidya** (por outro nome Teosofia)», disse Blawatsky, na introdução da sua Doutrina Secreta (pág. 27, vol. I).

E, realmente, no começo de 1900 alguém veio do Oriente para implantar no Ocidente, ou, antes, no continente americano, por intermédio da referida Ciência, a Missão gloriosa em que está empenhada a Sociedade Teosófica Brasileira.

Êsse alguém e sua companheira de Missão não são mais do que os dois DEVA-PIS a que se refere a famosa profecia do **Vishnu-Purana**, afirmando que os mesmos «voltariam ao mundo para felicidade dos homens. E portadores dos oito poderes da Yoga». Escaparem, pois, das Potências do Mal, que em todos os tempos evangélicos ou ciclos de civilização, se rebelam contra aquêles que são portadores de uma transcendente Missão para o mundo, era coisa impossível. Palmilhando o caminho semeado de urzes, de espinhos e de ciladas, ambos se encontram hoje repletos de cicatrizes — verdadeiros **Crivatsas**, ou «peitos chagados» — que são as condecorações do sofrimento e da bondade. O corpo a sangrar, nem siquer Êles olham para trás, onde ficam pedaços de sua alma, nem ouvem siquer as vozes de escárneo que rebôam da «negra floresta da vida».

Eis um exemplo vivo que se oferece amorosamente a tôdas as criaturas e que serve de bússola a todos aquêles que não trepidaram, indiferentes à atoarda da ignorância e da inconsciência, em seguir fielmente os seus passos.

Jesus disse, certa feita, ao referir-se a Elias: «Êle já veio e vós não O reconhecestes». E essa é a razão pela qual o nosso Venerável Mestre e sua contra-parte,

por não terem sido «reconhecidos», são vítimas de tôdas as insídias, de tôdas as torturas morais, de todos os escárneos, intrigas e maledicências por parte justamente daquêles que não estão em condições de «atirar a primeira pedra».

Em vão, porém, agem a fôrças do mal, nas tremendas provações a que têm submetido os dois excelsos Seres, porque a Verdade, como o Sol, brilhará sempre, após os eclipses e as tormentas, e jamais o Divino poderá confundir-se com o lôdo das vulcânicas misérias dêste Mundo.

Repletos de dores, de angústias e de aflições, é certo; mas repletos sempre daquilo que não perece, da energia que só do Alto vem, da firmeza que só a origem supra-terrena pode doar àquêles que, em holocausto dos homens e do mundo, escrevem na face da Terra a eternidade da vida e a grandeza incomensurável da libertação espiritual.

Henrique José de Souza não pode ser conhecido através de uma biografia, porque ela perlustraria séculos e fugiria à capacidade de percepção e conhecimento de uma inteligência comum. Dela apenas poderemos dar pormenores, retalhos, simples rasgões na cortina miraculosa de uma vida que transcende aquilo que é feito simplesmente do barro humano.

O pequeno Henrique, desde o seu nascimento, se viu cercado dos maiores mistérios. A medida que transcorriam os anos seus parentes mais próximos foram compreendendo que uma singularíssima criatura «viera ter ao seio da família». Os próprios pais o respeitavam e admiravam e o mesmo sucedia aos médicos amigos da família. Dentre êstes, o dr. Nina Rodrigues, famoso cientista bahiano e iniciador dos estudos etnográficos no Brasil, que disse certa vez ao pai do menino prodigioso: «Se você não contribuir para que êsse pequeno venha a ser um médico, cometerá o maior êrro de sua vida». Mal sabia Nina Rodrigues, que Henrique José de Souza era um médico por vocação instintiva, um médico sem diploma, como o era, também, pintor, músico, escritor, etc.

Mas não foi apenas Nina Rodrigues o admirador dos valores reais e positivos do pequeno Henrique. Também Alfredo Brito, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, assistindo às suas maravilhas, como a de adormecer diversas pessoas, ao mesmo tempo, ofereceu-lhe um dia um *espelho giratório*. E recebeu, estupefacto, esta resposta: «Agradeço a valiosa oferta, por partir de um homem ilustre e digno, além de amigo e médico de nossa família, mas devo dizer-lhe que não preciso de meios mecânicos para realizar o que faço...». O dr. Souza Leite, que pertenceu à clínica de Charcot, na Salpêtrière, juntamente com Alfredo Brito, assistiu, em várias oportunidades, a fatos inexplicáveis, inclusive à hipnotização de animais. De Henrique herdou seu filho Valter tais poderes, como prova ter, certa vez, hipnotizado um galinheiro inteiro, quando sua família residia à rua Mariz e Barros, 402.

Já homem, vinha Henrique uma tarde em companhia de seu amigo Marcolino de Magalhães, antigo proprietário da Chocolataria Magalhães, na Ladeira da Montanha, 116 (cidade do Salvador — hoje «Casa São Jorge»), quando depararam ambos com uma grande aglomeração na esquina da Praça Castro Alves com a Ladeira da Barroquinha. Entre os circunstantes via-se a polícia tomada de agitação pelo fato que ali ocorria. Tratava-se de um *obsedado* que, de faca em punho,

mantinha à distância tôda aquela gente, recusando entregar-se à prisão. Henrique inteirado de tudo, aproxima-se do *louco* atravessando a multidão. Êste olha bem de frente para Henrique; num instante se acalma, transforma-se o seu semblante e diz em voz alta: «Eis aí o único homem a quem me rendo». E, ato contínuo, entrega-lhe a faca, tendo a consideração de o fazer apresentando o cabo e não a lâmina. A polícia achou o momento azado para prender o *louco*, mas Henrique opôs-se, dizendo que «êlé precisava mais de socorro médico do que de uma prisão injusta».

O mesmo sucedeu muitos anos depois, numa viagem de Niterói para o Rio, com outro *obsedado* que não atendia a ninguém, nem mesmo a um pastor protestante de Bíblia em punho e a um espírita que fazia sinceras preces.

O *obsedado* — que já tinha criticado acerbamente os dois bondosos homens, que procuravam livrá-lo de tão graves perturbações psíquicas, acaba descobrindo, por trás do chapéu de uma senhora, que ocupava o banco da frente, a figura do nosso Henrique. E, então, pronuncia as seguintes palavras: «Só aquêlle que ali está, ocultando-se por trás do chapéu daquela mulher, pode fazer alguma coisa por mim...» E continuou com os olhos fixos na fisionomia do Mestre. O espírita, aproximando-se dêste, sai-se com a mais infeliz de tôdas as perguntas: «Se o sr. tem mais poderes do que nós, porque não procurou auxiliar êsse pobre infeliz?» — «Antes de tudo, caríssimo irmão, eu não pronunciei nenhuma palavra, muito menos, para dizer que «tinha maiores poderes do que vós ambos». Penso que se estivésseis no meu lugar, vendo outros prestando tão caridoso auxílio, não se arrogaria o direito — intolerante e desrespeitoso — de contrariar êsse mesmo auxílio...» E, levantando-se, falou em voz alta para que o *obsedado* o ouvisse: «De acôrdo com o que acabais de dizer, mantende-vos tranquilo». E o «doente psíquico» baixou os olhos, e não disse mais nada. O fato, entretanto, obrigou o Mestre a deixar o seu lugar, e postar-se na prôa da barca, para não servir de alvo a todos os olhares...

O presente fato se deu em Salvador. Sua irmã mais velha mandou-o chamar para socorrer uma das filhas que havia perdido os sentidos desde manhã cedo e nem o médico nem um sacerdote, que lá encontrou, tinham conseguido resolver tão dolorosa situação. Chegando à casa da irmã, Henrique, em respeito ao sacerdote e à religião que a família professava, preferiu abster-se de intervir, aguardando que ocorresse algo capaz de modificar o estado da jovem. Mas, como o tempo passava e a aflição na casa crescia assustadoramente, aproximou-se da sobrinha, pedindo licença ao sacerdote, que o olhou mal satisfeito. A irmã, porém, tranquiliza o Padre, alegando a sua qualidade de irmão e o fato de possuir êle poderes estranhos. Henrique limita-se a soprar os olhos da «adormecida» e a jovem volta a si... O sacerdote, admirado, interpela-o: «Estou aqui há tanto tempo procurando com as minhas preces fazer com que ela voltasse a si... e o senhor, num instante, resolve o caso. Quer dizer-me como pôde realizar tal coisa?» «Da maneira que o Reverendo acaba de presenciar» — respondeu-lhe Henrique.

O sacerdote riu da sua própria ignorância, numa humildade digna e bela. E desde então tornaram-se amigos.

Certa vez, essa mesma sua irmã que o mandou chamar para socorrer a sobrinha e conhecedora dos prodígios do irmão, querendo caçoar com o mesmo,

colocou na porta de seu quarto uma taboleta com os dizeres: «Dr. Bota a mão»...

Outro fato curioso: um velho estabelecimento em cujo sobrado residia uma família, incendiou-se. O fogo toma a porta de subida. Do interior do sobrado partem gritos de angústia e de socorro. O Corpo de Bombeiros tardava. Henrique, que assiste à cena, não se contém e, sob a estupefação de todos, invade a casa, a galgar os degraus de enorme escadaria, atravessando as línguas de fogo que a tudo ameaçavam devorar... Um murmúrio de horror parte de tôdas as bocas e um **frisson** sacode a massa aglomerada defronte à casa presa do fogo. Minutos depois, estruge uma verdadeira aclamação, entrecortada de exclamações de alívio. Henrique, ajudado por uma enfermeira, aparecia conduzindo, numa cadeira de rodas, um velho paralítico... Só não se admiraram do fato alguns dos circunstantes que já haviam presenciado, numa noite de São João, o jovem Henrique passar por cima de uma fogueira, como um fantasma que não tem medo do fogo.

Neste mesmo dia, o jovem Henrique, para que o trapiche de seu pai fôsse salvo, subiu ao telhado e era de ver como carregava, com as mãos, enormes brasas que atirava no mar, fato que também assombrou a todos os presentes, inclusive o conhecido corretor de seguros, Sr. Messeder, que no dia seguinte relatou o fato ao pai do jovem herói, tecendo-lhe rasgados elogios.

Curar com um copo de água magnetizada ou apenas com a imposição das mãos era, para Henrique, coisa banal. Centenas de casos semelhantes acabaram repercutindo até nos meios científicos europeus e o Instituto Magnético de França conferiu-lhe um diploma de **médico magnetizador**, que êle, no seu horror aos diplomas, mandou para o fundo da arca.

Presente a uma sessão espírita, para qual fôra convidado, a encontrava-se junto à mesa um jovem paralítico, a quem eram dados passes magnéticos, sem nenhum resultado. Henrique dirige-se, então, ao presidente da mesa e diz-lhe: «Não se trata de um paralítico» e, virando-se para o tio do pequeno enfermo, acrescenta: «Não é verdade que seu irmão morreu paralítico?» É, sim, contesta o homem. «Pois bem — prossegue Henrique — é êle que, vivendo ao lado de seu sobrinho, produz, indiretamente, um fenômeno de «repercussão hiper-física». E começou a **desmagnetizá-lo**, ao contrário da magnetização a que estavam submetendo o paciente. Pouco depois o pequeno estava curado. O presente fato se deu em Salvador, capital da Bahia, em casa do conhecido matemático Professor Ornelas, e na presença de inúmeras pessoas.

Já aqui no Rio, vai, certa vez, a uma sessão no Andaraí, para a qual fôra convidado. O seu Presidente fez questão que o mesmo se assentasse à mesa dos trabalhos, por saber da clarividência e outros poderes do nosso Henrique. Depois da sessão, quer à viva-fôrça saber da opinião do visitante; êste, depois de muitos rogos, viu-se obrigado a revelar as mistificações mediúnicas que havia observado. O Presidente, apertando-lhe a mão, teve estas palavras: «De há muito que desconfio tal coisa». E no dia seguinte o tal centro deixou de existir...

Já todos conhecem, através de sua obra «O Verdadeiro Caminho da Iniciação», outro fato acontecido na Bahia. Indo com mais dois colegas assistir a uma função de **terreiro**, em ali chegando cessaram todos os fenômenos do **candomblé** e o pai de santo, mirando-o de frente, disse-lhe: «Não queira negar que é o autor

desta estúpida brincadeira!» Henrique assestou-lhe os focos luminosos de seus olhos; o africano baixou a vista e convidou-o a entrar no **terreiro**. Mas aquêle, voltando as costas ao pai de santo, disse aos dois companheiros: «Aqui não é lugar para nós. Vim apenas mostrar a êsse deslavado mago negro, que eu não sou de brincadeiras».

E êsse **terreiro**, de uma tal Pulcheria, até hoje é temido na Bahia; fica lá para as bandas do Gantuá (caminho do Rio Vermelho), próximo à praça que se chama, atualmente, Duque de Caxias.

Certa vez, aqui no Rio, tocando Henrique ao piano, as cadeiras da sala de visitas de sua casa começaram a bailar ao compasso da música, enquanto o **homem miraculoso** era todo envolvido por um rolo de barbante que se encontrava no seu gabinete de trabalho e que ia aos poucos se desenrolando... De outra feita, todos correm a ouvir de perto a música que êle tocava. Ao terminá-la, diz aos presentes que sentiu pesada mão afagar-lhe as costas. Pede-lhes que verifiquem se há alguma marca. Nada sôbre o palitô. Nada na camisa. Deve estar estampada na pele, diz. De fato, lá estava: u'a mão enorme, de dedos compridos. E Henrique, então, escreve na capa de uma das músicas colocadas sôbre o piano: «Sur le tombeau». Chopin. Era uma música póstuma...

Tocava, de outra vez, na séde social, músicas dessa natureza, perante vários irmãos. De repente, o teclado se foi enchendo de cravos de variegadas côres. Terminada a música, Henrique divide os cravos pela assistência, inclusive com alguém que entrava no momento. Estranho e curioso: os cravos eram em número igual a todos os contemplados! E o mesmo aconteceu, também, mais tarde com onze cavalinhos de São Jorge, símbolo do Salvador do mundo, segundo seus magistrais estudos.

O Capitão de Mar e Guerra Tancredo de Alcântara Gomes, uma das colunas mestras da S.T.B., já falecido e cuja memória todos reverenciamos, recebera de Henrique, certa vez, uma erva misteriosa, que muito o aliviara de seus males. Pede-lhe, então, em outra ocasião, mais um pouco da mesma. E êle lhe responde, sorrindo: «Meta as mãos nos bolsos, procure também no **harmonium**, por trás dêsses quadros na parede...» E em meio ao assombro de dezenas de pessoas presentes, muitas ainda do quadro social da S.T.B., deu-se a maravilha. Nos bolsos do brioso oficial de nossa Marinha de Guerra, no **harmonium** (então fechado), atrás dos quadros, a miraculosa erva foi fartamente encontrada!

De outra vez, em plena sessão, e na presença de mais de oitenta pessoas, deu-se um dos fatos mais extraordinários da sua vida e que teve repercussão até na imprensa da época, como se pode ver nos arquivos de «Vanguarda», «O Brasil», «O Estado», de Niterói, etc. A cicatriz que possui ainda hoje no peito, proveniente do acidente sôbre a lança de um jardim, de todos já conhecido, começou a sangrar e a fronte, as mãos e os pés...

Mensagens e mais mensagens; medicamentos e mais medicamentos, materializados à porta do Santuário, passavam das suas mãos às dos doentes. E até, certa noite, materializa enorme tubo de ensaio, que passou às mãos do Capitão de Mar e Guerra Alcântara Gomes. Uma importante mensagem é retirada de uma bacia com água, na presença de mais de cem pessoas. Isto na casa da rua General Andrade Neves,

305, como proveitosa lição a certo **magro negro**, que ali fôra para desrespeitar o Templo. E de fato era uma lição em regra a que vinha escrita na referida mensagem.

Na casa da rua Santa Rosa, 426, em Niterói, ainda quando ali se realizavam os mais assombrosos fenômenos já comentados pela imprensa carioca e fluminense, certa noite, alguém que fazia parte da assistência diz a Henrique, em tom de dúvida: «Falar de vidas passadas é coisa que não se pode provar. Eu desejava que me dissesse algo a respeito do meu presente...» «Antes de mais nada — respondeu — eu não estou aqui para ganhar dinheiro, imitando prestidigitadores... Mesmo assim, faça como os demais. Entre para o Santuário, pondo-se de frente para mim». Instantes depois, do seu lugar na Diretoria, o Mestre diz-lhe: «O Senhor já matou um homem... Entre muitas coisas que vejo da sua vida, é esta a que se acha mais visível, por lhe doer bastante na consciência». O homenzinho muda de côr, mira aterrado a assistência, e numa explosão de tipo bem freudiano, suando por todos os poros, responde: «Sim... mas foi em defesa própria». «Pouco importa como fosse — contesta-lhe o Mestre — mas o fato é que foi na sua vida presente e... de acordo com o seu desafio...» E todos os presentes olhavam assombrados para o homem que saía, enfiado e cabisbaixo do Santuário. Mais tarde, terminada a sessão, Henrique segredou-lhe: «O Senhor é um réu confesso. Trate de ir para casa porque aqui não é lugar para incômodos policiais dessa natureza». Como quem diz — vai e não peques mais. E o homenzinho desapareceu.

Prodígios e mais prodígios vão assinalando a passagem dos vários estágios da vida de Henrique, marcos da sua Missão, correspondendo cada um aos complexos aspectos evolutivos da Obra que lhe fôra destinada através dos tempos e das idades. São mensagens estranhas, queimaduras hiper-físicas; perfumes, o anel da sacerdotiza, objetos saem-lhe das mãos materializados, ante a estupefacção dos presentes. E' a cruz de cristo materializada numa das mais belas sessões, para ornar, no leito da morte, uma das maiores figuras da Obra, que acabava de falecer naquele momento e ninguém ainda o sabia.

Tôdas as músicas da S.T.B. saem das suas mãos, num misterioso e constante parto musical — belas e profundas. O **alvorecer da 7.ª Sub-Raça**, por exemplo, que é o Hino da S.T.B., é escrito em SI — sétima nota da gama musical. **Cruzeiro do Sul**, prefixo da S.T.B., tão cheio de espirituais sensações que arrebatam, é concebido através de audição e de clarivisão.

Num mês de Dezembro, atacados por terrível enfermidade, os **Gêmeos Espirituais**, Henrique e Helena, encontram-se à beira do túmulo. À sua volta um círculo ofegante e ansioso de irmãos. De repente, Henrique volta à vida, recosta-se nos travessieiros e dá a suprema revelação da 10.ª Sinfonia de Beethoven, desconhecida do mundo, por ser escrita em língua jina. Seu nome, é «Ressurreição». No arquivo da S.T.B. existe a letra dos trechos principais, cuja parte musical Henrique executa até hoje ao piano.

Certo dia — além de outras muitas mensagens vindas de modo surpreendente — sendo que esta na Vila Helena, em São Lourenço, e na presença de diversas pessoas, dentre elas um médico ilustre da localidade — fica a bater sobre o guarda-louça, como se fôra uma grande borboleta. Muitos anos antes, uma criança

de 3 anos, que se havia trancado por dentro de um quarto, cuja janela dava para o pátio de um prédio de três andares, e seus pais tomados de pavor, queriam chamar um serralheiro e lançar mão de outros recursos ocasionais, obriga a Henrique a levantar-se do lugar onde se achava naquele momento, e proferir diante da porta fechada a seguinte frase: «Em nome da Palavra Sagrada, abre-te, porta!» E esta, obedecendo àquele sublime «Abre-te, Sésamo», abriu-se de par em par, porém, de modo suave para não molestar a criança que se achava do lado de dentro... e que dali saiu sorridente, atirando-se nos braços da mãe aflita. Mais tarde, a cena se repete diante do cofre de certo hotel de São Lourenço, em vista de, estando afastada da referida estância o seu proprietário, e a gerente ter lançado mão de todos os recursos, auxiliada por outras pessoas, lembrar-se do «professor Henrique», para isso indo pedir a sua esposa que «interviesse junto ao mesmo, a fim de poder retirar as chaves e o dinheiro guardados no referido cofre». E tudo foi resolvido em alguns minutos... Certa vez, ainda, e na capital, a família indo ver uma casa na Avenida Paulo Frontin, para onde desejava mudar-se, o vigia fez ver que, «já sendo tarde, havia êle fechado a casa e levado as chaves ao proprietário, que residia um tanto distante do lugar». Alguém que acompanhava a família, no automóvel, insistiu com o vigia para que fosse buscar as chaves, prometendo-lhe uma gorjeta... E como aquêle não quisesse ceder a tão insistentes rogos, Henrique deixa o automóvel e pergunta ao vigia: «O sr. tem certeza que fechou a porta e entregou as chaves ao proprietário»? «Ora se tenho, pois fui eu mesmo quem fez ambas as coisas...» Henrique não esperou que a resposta terminasse e, encaminhando-se para a porta, com ambas as mãos, abriu-a de par em par, deixando o vigia assombrado... Quanto aos da família, já acostumados com tais fenômenos, por sua vez, deixaram o automóvel e foram examinar a casa... Fato também assombroso, foi o que se deu à Rua General Andrade Neves, 305, em Niterói, em relação com o Santuário. Por ordem superior o mesmo foi fechado durante SETE DIAS, com a porta e a janela devidamente seladas e levando a assinatura do Diretor-social. No dia marcado, e como de ante-mão fôra anunciado, ao aproximar-se Henrique do mesmo uns dois metros, a porta se abre miraculosamente, rasgando-se por força estranha o papel que vedava a fechadura, como se invisível chave operasse o fenômeno. Isto faz lembrar o Trachi-Lama, no Tibet, que ao entrar no Templo as luzes se acendiam sem intervenção alguma...

Estávamos no dia 14 de Julho, dia da memorável **Tomada da Bastilha**.

Realizava-se, nessa noite, uma extraordinária e brilhante sessão. Num dado momento, a assistência paralisa-se de assombro. Henrique erguera as mãos para o alto e nelas se via um barrete frígido da Revolução francesa, dilacerado, trazendo ainda a roseta, sujo, coberto de manchas de sangue e de pólvora. E diante da comoção ambiente, Henrique o coloca à cabeça de alguém que estava quase ao seu lado, dizendo: «Maria Antonieta! Agora, sim, fazeis jús a uma régia corôa. Permitti, no entanto, que pondo o barrete que os **citoyens** franceses vos puseram à cabeça, eu vos redima de tôdas as faltas passadas». A emoção dentro do Templo foi inenarrável. E a pessoa a quem êle se dirigia, ficou banhada em lágrimas, porque de há muito já recebera da boca do Mestre a grande revelação sobre a sua vida pretérita. Esta mesma mulher, que ingressou imediatamente na Obra, assistindo a uma sessão, em Santa Rosa,

ao ver que uma **pedra** se desprendia das mãos de Henrique e, correndo pelo soalho, ia ter a seus pés, ergueu-se chorando e disse: «Meus irmãos, ontem à noite, sôzinha em meu quarto, fazendo a minha **yoga**, a meditação de sempre, pedi aos Mestres que me dessem nem que fosse uma **pedrinha**, como lembrança do toque de suas mãos. E é o nosso próprio Mestre que realiza o meu pedido de todos desconhecido». Apanha a pedra, beija-a e guarda-a para sempre, até os últimos instantes de sua vida.

Outra vez, alguns momentos antes de ser iniciada a sessão do dia, duas pessoas, uma delas essa mesma irmã, discutiam um tanto vivamente, embora que graçejando uma com a outra: «Você precisa fechar a boca com um **parafuso**», ao que respondeu a atingida: «E você com um **prego**». Henrique, que estava um tanto próximo, interveio: «Pois bem, aqui tem o seu **parafuso**». E para a outra: «E você o prego». E acrescentou: «Não acham que é preferível discussões mais sábias?... Ambas guardaram os objetos materializados. E a mulher levou consigo, muitos anos depois, no caixão mortuário, êsse... e outros objetos preciosos.

Outra sessão memorável foi a da comemoração de um dos aniversários da S.T.B. Uma menina, a quem Henrique já havia revelado ter sido sacerdotiza egípcia, em outra encarnação, e lhe oferecido uma cruz **hansata** feminina, ergue-se e faz belíssima alocução sôbre o Egito, elogiando a Obra e o Mestre. Terminada a oração, êle, comovido, depois de agradecer, diz-lhe: «Minha filha, de nossa terra, o Egito misterioso, Pai da Humanidade, ao lado da Índia, sua mãe, só restam **ruínas e areia!**» E isto dizendo, levanta as mãos para o alto e deixa cair sôbre a mesa da diretoria, diante de grande número de pessoas, punhados e mais punhados de areia... Areias do deserto africano!... Não faltou quem as apanhasse e até hoje guarde consigo essa lembrança tão valiosa. E à mesma criança ofereceu Henrique, materializados na presença de todos, «um cavallinho e uma tartaruga», símbolos de verdades eternas.

Certa vez, quando o conhecido medium «Professor Mozart Dias Teixeira» visitou pela primeira vez Niterói, hospedou-se na casa de uma doutora, até hoje residente na vizinha capital. Queria êle, à viva fôrça, conhecer o Professor Henrique José de Souza. Êste achava-se abalado com o acidente de automóvel que sofrera na Praça Martim Afonso, escapando milagrosamente da morte. A referida doutora telefona-lhe, pedindo a sua presença. Com grande sacrifício Henrique consegue chegar à casa onde se encontrava o Prof. Mozart.

Verdadeira multidão de doentes se encontrava à porta, na esperança de serem curados. Convidado para o almoço, Henrique, a certa altura, dirige-se à dona da casa e pergunta-lhe: «A senhora não esteve em visita à Secção de Múmias no British Museum de Londres?» — «Sim», respondeu ela, «e, por falar nisso, os guardas não quiseram desvendar a cortina verde que cobria a múmia de Katsbeth... E eu o fiz, com as minhas próprias mãos». «Não acha a senhora — repõe Henrique — que desde então é que a vista lhe foi faltando?» «E' verdade», respondeu a dona da casa. O prof. Mozart, aparvalhado com a interpretação do convidado, deixou cair tudo quanto, no garfo, levava à boca! E' inútil dizer que a família ficou tão assombrada que, desde então, começou a frequentar a Sociedade, embora tempos depois o ambiente ali não lhes fôsse agradável. E' que a luz era por demais intensa para antigos fabricantes

de «múmias», que ainda hoje se sentem atraídos por objetos de vibrações más, como seja a mão mumificada de uma princesa azteca, o lençol que ela diz ter envolvido o corpo de Tiradentes, trazendo manchas de sangue, etc., etc. Fato interessante: — chegando o Professor Henrique à sua residência, pois era domingo e tinha que presidir à sessão do dia, contou o caso não só à família, como ao então diretor-social de **Dhâranâ**. Êste, completamente transformado, proferiu as seguintes palavras: «E' estranho. Eu também fui à Secção de Múmias do British Museum de Londres. E em lá chegando, prendi o pé numa das táboas do assoalho, indo bater de cara no chão. Os guardas, rindo, fizeram-me a seguinte pergunta: «Não acha o senhor que já é bastante o que lhe aconteceu, para que não se aproxime daquela múmia que se acha velada por uma cortina verde?» E, bastante preocupado, procurei sair da referida Secção».

Convém notar que essa pessoa sofre de uma espécie de esclerosamento da coluna vertebral, que o pôs num estado de aparente «mumificação». Tanto esta pessoa como a senhora a que nos referimos, foram os «fabricantes» da múmia de Katsbeth! Um dia os leitores desta revista saberão melhor a história de tão nefasta múmia, com a qual as fôrças do mal quiseram, numa encarnação dos «Gêmeos Espirituais», em Tebas — «a cidade das cem portas» — no Egito, arruinar a sua encarnação futura. Donde as duas referidas pessoas — por lei de Karma — dos mesmos serem obrigadas a se aproximar... Roso de Luna, que era, incontestavelmente, um dos maiores Ocultistas do Mundo, e como tal verdadeiro Teósofo, ofereceu, entre outros originais de seus maravilhosos livros, «ao seu maior amigo, o Professor Henrique de Souza», o penúltimo capítulo de sua obra «El libro que mata a la muerte o libro de los jinas», onde fala da referida múmia, como quem diz: «Tudo isso se prende aos seus inimigos mortais, os «Nirmanakayas negros»... que, de vida em vida (direta ou indiretamente) lhes movem tôda espécie de campanhas, sempre na esperança de prejudicar a Obra dos Deuses...»

Certa ocasião, o Sr. Aleixo Alves de Souza, digno membro da Sociedade Teosófica no Brasil (filial de Adyar ou sua Secção Brasileira), visitou Dhâranâ. Na ocasião da sua entrada — por lei talvez de «causalidade» — mais seis pessoas faziam o mesmo, pois se tratava de uma sessão pública, embora que comemorativa de um dos aniversários de nossa Instituição. O sr. Aleixo pronunciou uma alocução, na qual teve ocasião de comparar as várias facções do neo-espiritualismo com a diversidade de flores que surgem do mesmo canteiro. Henrique, que presidia à sessão, e o ouvia atentamente, deixou que o mesmo terminasse e, após, referindo-se à imagem literária de que se serviu o visitante, teve ocasião de dizer, juntando a ação à palavra: «Neste caso, como o ilustre representante da S. T. de Adyar tivesse entrado nesta sala acompanhado de mais seis visitantes, e o número SETE seja o de nossa própria Missão (Missão dos Sete Raios de Luz, que em forma-dual ou ligada à Norte América, tem o nome «Missão Y»), eu lhes ofereço sete cravos de côres diferentes, sendo que o branco, como côr sintética, justamente àquele que acaba de proferir tão significativas palavras». A assistência ficou boquiaberta com aquela assombrosa materialização, não só por não haver nenhuma flôr ornando, naquele dia, o salão, como, também, pela quase impossibilidade de se poder encontrar sete cravos de côres diferentes.

A Lei sabe muito bem a quem dá poderes dessa natureza, como já foi citado em outros lugares deste trabalho — a passagem do **Vishnú-Purana** — a respeito daquele que devia aparecer no mundo «portador dos oito poderes da Yoga», poderes que Ele não poderia deixar de empregar a favor do próximo. Seria impossível citar, um por um, todos os fenômenos desenrolados na vida desse homem verdadeiramente miraculoso, pois, necessitaríamos de vários volumes, além da dificuldade para descrever aqueles que, por sua alta transcendência, passariam por inverossímeis, embora os fatos nêles narrados fôsem testemunhados por grande número de pessoas que até hoje o acompanham.

Desde menino, vem o ilustre Mestre lutando contra a morte. Atacado aos sete dias de vida pela terrível variola, salva-se milagrosamente. Pouco depois, é quase atravessado por uma lança de jardim e mais tarde, como o mártir **São Lourenço**, cai sobre uma grelha candente. No Rio Vermelho, um dos bairros da cidade do Salvador, certa vez, fica com o pé preso, quando tomava banho de mar, e quase morre asfixiado. De outra, cai de cabeça para baixo de um trapézio, chegando, porém, ao solo de pé. Na praia da Barra, também num banho de mar, cai num redemoinho, donde foi salvo por uma corda atirada por membros da conhecida família Schleyer. Salva-se do paratifo, graças a 4 ervas ensinadas por um Adepto disfarçado em mendigo, e com as quais — ele mesmo — tem salvo inúmeras pessoas atacadas de tão terrível doença.

Por mais de uma vez, os chamados «Gêmeos espirituais», solidários na glória espiritual como no sofrimento físico, batem às portas da Morte, e são salvos por poderes que transcendem os nossos conhecimentos e a nossa faculdade de percepção, inclusive, quando ambos caem um ao lado do outro, para **ressuscitarem** diante de vultoso número de irmãos que os cercavam cheios de dor e de angústia...

Assim também, inúmeros são os casos de «ressurreições» provocados por Henrique: por exemplo, quando, na sua juventude, um canarinho que, na sua gaiola, cai de um quinto andar na rua, e ele o faz reviver através de passes e sopros magnéticos. O reviver de um defunto em frente ao Chalet Parisien, vindo o pequeno Henrique da escola, já rememorado nesta revista, na alocação das duas imagens, no seu último número. E este outro, para não ir mais longe nesta lista de prodígios: realizava-se sessão memorável na Sociedade. O Venerável Mestre ergue, acima da sua cabeça, o símbolo sagrado que esteve na Obra durante sete anos e que foi, por Ele mesmo, reconduzido à **Agartha**, seu lugar de origem. Nêsse momento, uma jovem ergue-se do caixão, na Praia de São Cristóvão, fato presenciado por inúmeras pessoas, inclusive, um membro da S.T.B. de nome Salvador Pereira. Passou-se do seguinte modo: um automóvel funerário passava pela referida Praia, quando se deu uma pane no motor. O chofér salta para verificar a razão de ser da pane e, neste instante, um estranho ruído se fez ouvir dentro do caixão. Reunem-se várias pessoas em torno. O chofér ajudado por alguns circunstantes mais corajosos, pressentem a repetição das pancadas e procuram arrombar o caixão... de dentro do qual se ergue uma jovem de 15 a 16 anos! Voltou ela ao seio da família, e os jornais... devido à censura, nada puderam relatar do fato, até mesmo, para não comprometer a Casa de Saúde, de onde havia saído a «morta», nem o responsável pela certidão de óbito...

Paremos por aqui. Todos esses fatos, poucos entre muitos que se inscrevem na história da nossa Obra,

pertencem ao passado. Chegou a hora da **Palavra Reveladora**, que produziu o milagre da arregimentação daqueles que não precisam de «materializações» nem outros fenômenos — todos êles **naturais**, por serem realizados dentro das leis da Natureza, e nunca, **sobrenaturais**, ou com feição de «milagres», como querem as religiões ocidentais, para os seus «santos», mas «diabólicos», quando realizados por aqueles que às mesmas não pertencem, o que é uma contradição palmar das mais flagrantes — dizíamos, para acompanharem o Homem que tem resposta para tôdas as perguntas, bál-samo para todos os sofrimentos, Luz para tôdas as consciências, conselhos para os aflitos e remédios, sim, para os males da alma, para o resgate cármico, pois, como disse o grande profeta da Galiléia: «Felizes daqueles que não viram e crêram»...

Estamos diante de uma nova Era. Alguns a presentem e, consciente ou inconscientemente, procuram o «refugium peccatorum» das religiões, das filosofias, das várias facções do neo-espiritualismo. Mas não falta, também, quem dêstes procure tirar proventos econômicos.

A guerra mal acabou de firmar os alicerces da paz no mundo, para não dizermos que outras guerras se preparam, com ou sem bombas atômicas, ainda mal acabamos de banir da face da terra os principais monstros que a infelicitavam, os falsos messias políticos, e muita gente já se apresenta por todos os cantos do planeta com falsas salvaçãoes, com o decantado rótulo do Oriente, para o qual são atraídos os frágeis remanescentes de uma civilização em plena decadência. São os «falsos messias e profetas da Bíblia» e de quantas tradições os anunciam para as proximidades do ano 2.000, ou século XXI, astrologicamente dirigido por **Aquarius**. E, até o avatara de tal época, irão êles atraindo os incautos com folhetos coloridos, com palavras untadas de uma mística estéril e vã. O nome de Blawatsky, como o de seus Mestres, volta novamente ao cenário cíclico, enchendo de esperanças os que buscam uma tábua de salvação em hora tão amarga. Mas, em verdade, cópios infiéis da Obra grandiosa em que se acha empenhada, sob a direção do Venerável Mestre Henrique, a Sociedade Teosófica Brasileira, desde o ano de 1921, através de lutas e sacrifícios verdadeiramente extraordinários e assombrosos. O mais famoso desses Messias, criação de Annie Besant, Leadbeater e outros, foi Krishnamurti, o qual, em tempo, percebeu que a missão a que estava destinado não era aquela para a qual o dirigiam.

Outros, porém, persistem em desviar a consciência dos que, de fato, se interessam pela evolução dos seus irmãos em humanidade, do que é verdadeiro e puro, para fatuidades e incongruências psíquicas, mas nunca mentais, porque lhes falta, antes de tudo, a congenitura desses poderes, grandeza de coração, sensibilidade de alma, cultura de inteligência e destinação para a Obra da Fraternidade Humana.

De permeio com os falsos profetas, ressurgem as velhas Ordens secretas, tôdas elas envolvidas do mesmo pó, das mesmas teias de aranha arcáicas, de tudo quanto já morreu com o velho ciclo...

Mestre entre os Mestres, mistério entre os mistérios, impenetrável às paixões, aos ódios, às ambições e aos egoísmos, a figura do Professor Henrique José de Souza, nosso Venerável e Augusto Mestre, ergue-se dentro da nossa Obra, pelo poder miraculoso da fé e da certeza, como a «montanha sagrada» em cujo tópo o farol do seu espírito alumia o caminho daqueles que

querem a Verdade, que procuram a Verdade, que amam a Verdade.

No entanto, a Êle cabe o título de «Eterna Vítima». Sim, porque a todos pode socorrer, mas a Êle, nunca, absolutamente nunca... Êste é o seu maior mistério!

Paulo, o apóstolo do Cristianismo, foi tocado pela Verdade divina quando seguia por certa estrada, cego de consciência. Êle encontrou, afinal, a Luz que havia de O guiar na edificação de uma nova era humana. Na S.T.B. trabalham, também, todos os seus discípulos para o advento de uma Nova Jornada para a Humanidade. Aqui há um caminho de Damasco; percorrei-o para que possais, como Paulo, entrar na posse da Verdade Eterna, que rejuvenesce a cada primavera cíclica do mundo.

Finalmente, que desça o velário sôbre tão sublime espetáculo. E que êste fique para sempre gravado na vossa memória e ressoando — com a sonoridade grave dos **bronzes eleitos** — nas vossas consciências. E, então, sentireis — na quietude mística da **Voz do Silêncio** — a razão de ser das vossas dores, por serem as mesmas que vos conduzirão aos sublimes Portais da **IMORTALIDADE**.

Veni, Vidi, Vici.

(1) Este magnífico trabalho foi, pela primeira vez, publicado na revista DHARANA, órgão oficial da Sociedade Teosófica Brasileira, números 126-130, de 1946

(2) O Dr. Pizarro Loureiro, além de ilustre jornalista, é o Diretor Social da S.T.B. (A Redação).



JUSTUS ET PERFECTUS

Honrar a Pátria, enobrecer a idade.
Espalhar entre os homens a palavra
Natalícia de uma outra Humanidade;
Rasgar, na terra brasileira, a lavra
Imortal da bendita sementeira
Que a S.T.B. fará frutificar,
Unindo os homens, numa só bandeira,
Empós do ciclo prestes a raiar;

Justo e Perfeito, ao transviado
O caminho mostrar do humano amor
Sem os véus da mentira e do pecado —
Eis a Excelsa Missão do Professor!

Delta do Amor Divino e da Esperança,
Espírito sem mácula e sem jaça,

Símbolo altriz da redenção que avança,
Ontem, hoje, amanhã — luz esotérica! —
Urdís a teia sólida da raça
Zenital e fraterna que, na América,
Ao Brasil caberá por justa herança!

Pizarro Loureiro

RELEMBRANDO O PASSADO

H. J. SOUZA



Casa onde «nasceu» o Dirigente da Obra em que está empenhada a «Sociedade Teosófica Brasileira», à Rua Teixeira de Freitas n.º 27, na Cidade do Salvador (Bahia). Por «lei de causalidade», tendo a Prefeitura de fazer uma praça, neste mesmo lugar, foram desapropriadas as casas que antecediam aquela, o que lhe deu a «primazia» de ficar na esquina, defrontando-se com o monumento dedicado ao grande orador baiano, que dá nome à mesma rua.



A mesma casa depois de remodelada.

Fato interessante: O Dr. Jaddo Couto Maciel — por saber que na mesma (a antiga) havia nascido o Prof. Henrique José de Souza — fez várias tentativas infrutíferas para examiná-la por dentro. Até que chegou o dia de, vendo na janela um novo residente, por sinal que seu amigo, saltou do bonde e, narrando-lhe certos fatos relacionados com a Obra em que a S.T.B.

está empenhada, inclusive o do referido nascimento, o amigo convidou-o a entrar. E acabou por lhe dizer: «E' interessante. Minha senhora teve um filho esta noite... E você vai ser o padrinho. Foi uma interessante «causalidade»...



Palácio da Aclamação

O prédio onde hoje funciona o Governo baiano, está situado no mesmo lugar onde, em outro «palácio mais modesto», residiu a família do mesmo Dirigente da S.T.B. Foi aí onde se deram dois trágicos acontecimentos que merecem ser aqui relatados, ou sejam: o primeiro foi o do mesmo Dirigente, quando ainda criança, estando a brincar com seus irmãos no jardim da referida residência, ter caído sobre a lança do portão que separava a chácara do jardim. E de cujo acidente salvou-se «miraculosamente». Sua mãe — que estava pondo flores nas jarras de duas imagens (Senhor dos Passos e N. Sra. das Dôres, as mesmas que figuram no Museu de nosso Templo, em S. Lourenço. E na cabeça, da primeira dessas imagens se acha uma parte dos cabelos de JHS, enquanto a maior, na do Senhor dos Passos da Ajuda, que sai todos os anos na Procissão da Semana Santa), repetimos, sua mãe caiu sem sentidos no solo... O pequeno, **todo banhado em sangue**, gritava para seus irmãos e empregados que o seguiam: «Diga à minha mãzinha que eu não tenho nada»... E semelhante «cicatriz», como «condecoração» que lhe restou daquela «tragédia»..., sangrava até o ano passado, em datas que não podem ser reveladas de público. Inúmeras foram as pessoas (a maioria ainda nas fileiras da S.T.B.) que assistiram semelhante fenômeno.

Quanto ao segundo acidente, estando êle também a brincar com seus irmãos, caiu em cima de uma grêlha candente, ao entrar correndo na cozinha. Foi um dia de sofrimentos, tanto para o pequeno como para todos da família! Sim, fato idêntico ao do «martírio de S. Lourenço», cujo nome se acha estreitamente ligado à História de nossa Obra, do mesmo modo que o de José de Anchieta, cujas peças teatrais falam tanto desse mesmo «santo».

Digno de admiração é o fato da referida casa passar a Séde do Governo Baiano. E o lugar de semelhante «martírio de uma criança», ser o mesmo do Portão principal do referido Palácio, «ornado com as armas da República, etc.». Algo assim, como se, «por força de Lei» («lei de Causalidade?..») se procurasse prestar Homenagem a esse mesmo lugar, na razão do DURA LEX, sed lex...



Uns três anos depois de JHS ter sofrido aqueles dois acidentes apontados anteriormente, foi tirada esfã fotografia: êle remando e seu irmão ao leme. Era uma previsão de seu próprio papel ou Missão nesta vida. Quando criança, remava. Quando homem, guiava... quantos barcos se apresentassem «no mar da sua vida», dentre eles, um com 22 pessoas, numa noite tempestuosa, «através dos arrecifes da Ilha de Itaparica, caminho à Barra do Gil... Não fosse êle, e todos teriam morrido. Muito antes já havia se deparado com aquela «Conceição Feliz», que até hoje continua encalhada nas praias itaparicanas, da qual êle mesmo falou numa das anotações de seu estudo publicado, em os números 13 e 14 deste periódico. E, até agora, TIMONEIRO se fez da GRANDE BARCA DE SALVAÇÃO, que é a S. T. B., em cujo bordo navega a SEMENTE DA NOVA CIVILIZAÇÃO ou da «Era de Aquario». Sim, «navega, mas não sossobra», ou, «Fluctuat nec mergitur», como o lema de Paris.

Não devemos esquecer aquelas Duas Barcas de sua «Misteriosa Viagem ao Norte da Índia»: a Hinayana (ou pequena barca do Budismo do Sul) e a Mahayana (ou grande barca do Budismo do Norte). Não falemos da «Barca de Osiris», no Egito, da qual a Igreja se serviu para a expressão: «Barca de São Pedro». Nenhuma Barca, entretanto, mais excelsa do que a conhecida pelo nome de AGARTHA... «Sic illa ad arcam reversa est».

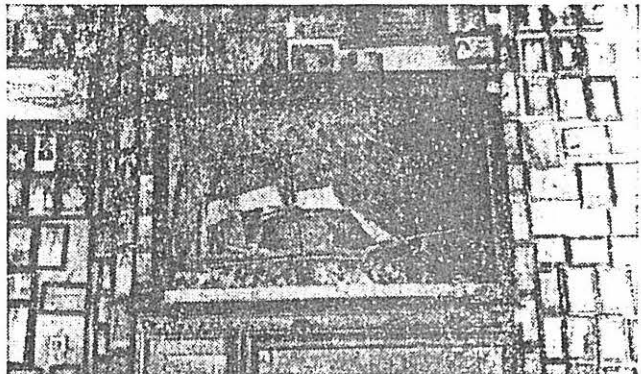
Quanto ao acidente da «grêlha candente» — que faz lembrar o «martírio de São Lourenço» — tal nome percorre todas as páginas da História de Nossa Obra: S. Lourenço dos Anciãos, em Portugal (uma estância hidro-mineral), S. Lourenço de Gôa (na possessão portuguesa de mesmo nome, na Índia), S. Lourenço em Itaparica, em Niterói e, finalmente, no Sul de Minas, «ponto máximo dessa gloriosa trajetória de nossa Obra». Lugar onde a mesma fez a sua fundação espiritual (a 28 de setembro de 1921, no topo de uma Montanha). Lugar onde se assenta seu Templo dedicado à Paz Universal. E, conseqüentemente, à todas as religiões do mundo. Pena que as mesmas continuem divorciadas umas das outras. E até se degladiando mu-

tuamente... sem ligarem ao nosso apelo a favor de uma FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA.



Inauguração do «Monumento ao Dois de Julho», em 2-7-1895.

Nessa ocasião o Presidente Cultural e Espiritual da S.T.B. estava com 12 anos de idade, tendo assistido à todas as comemorações. A casa que fica bem por traz (e do lado oposto), do referido «Monumento», é aquela onde residia a sua família. E donde o mesmo saiu, no dia 3 de julho de 1899, para se encontrar com a sua «companheira» no TEATRO S. JOÃO, para realizarem aquela MISTERIOSA VIAGEM DE UM ADOLESCENTE AO NORTE DA ÍNDIA, tal como foi publicada no penúltimo número deste periódico. Estavam ambos com DEZESSEIS anos de idade. Nas escrituras orientais se dá o nome de «Adolescente das 16 Primaveraes», a qualquer um dos QUATRO KUMARAS que dirigem a Evolução Humana, à frente das demais Hierarquias...



O iate «Rio Real»

A fotografia acima vai intercalada no presente estudo, não só pelo mistério que a cerca, como também, por já se ter falado dela, em os números 13 e 14 deste periódico, na parte que diz respeito ao Infante Henrique de Sagres, como «grande navegador lusitano», citando-se, também, os nomes dos armadores Barão Henrique Antunes da Silva Neves (envolvido na «Misteriosa Viagem de um Adolescente ao Norte da Índia») e do pai de J.H.S., que também foi armador, cuja flotilha de

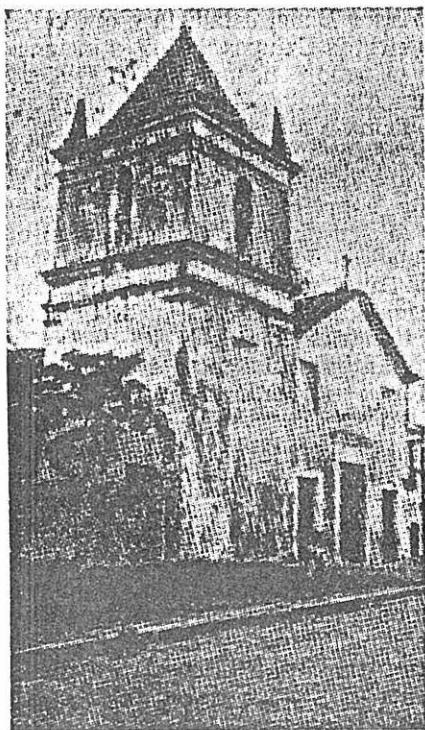
hiates, caravelas, brigues, etc., alcançava o número de DOZE.

Qualquer pessoa que visitar a tradicional igreja do SENHOR DO BONFIM, na capital baiana, encontrará — entre o vultoso número de «milagres» que ali existem — o da fotografia acima. E que foi enviada, da mesma capital baiana, pelo Dr. Jaddo Couto Maciel, secretário da Prefeitura daquela cidade e prestigioso membro da S.T.B. E isto, a pedido do Prof. Henrique José de Souza, Dirigente cultural e espiritual da mesma Sociedade. A referida fotografia já foi, também, publicada — há alguns anos — na revista O CRUZEIRO (dos Diários Associados), que se edita na Capital da República, numa reportagem sobre a mesma Igreja baiana.

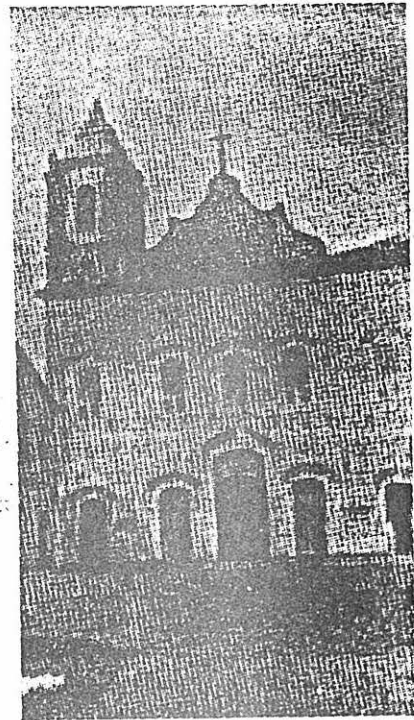
Falemos da razão de ser do referido «milagre» figurar entre milhares que ali existem: «acossado por terrível tempestade, o iate «Rio Real» (da flotilha do pai de J.H.S.) estava ameaçado de naufragar. Seu «comandante» apêla para o «Senhor do Bonfim». E como o mesmo navio se salve, com toda a sua tripulação e mercadoria, o mesmo mandou fazer semelhante «alegoria», oferecendo-a ao milagroso santo baiano.

ITAPARICA!

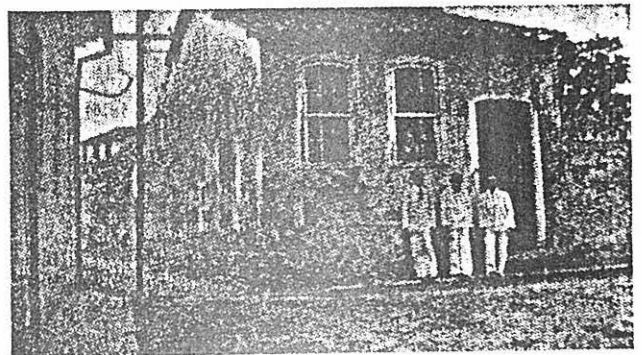
«A Ilha Misteriosa» onde Henrique e Helena tiveram que estar, antes de partirem para Lisboa, caminho ao Norte da Índia»...



Fotografia da secular igreja de S. Lourenço, de Itaparica, em evidente estado de ruínas. Dizem, algumas informações, «que os itaparicanos resolveram restaurá-la». (Dhâranã n.º 109).

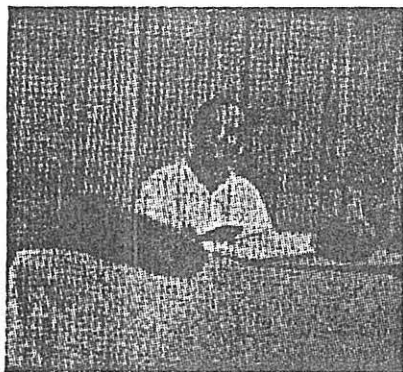


Matriz de Itaparica. Em seu velhíssimo campanário encontra-se o bronze mais sonoro de tôdas as igrejas brasileiras. E isto, porque a sua liga é feita com «ouro de lei». (Dhâranã n.º 109).



A casa onde nasceu o grande filólogo baiano, Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, mestre de Rui Barbosa. Entre os membros da S.T.B., acha-se o Dr. Ubaldo Pimentel (coletor federal e um dos filhos mais ilustres de Itaparica), que lhes serviu de cicerone. (Fotografia extraída da revista Dhâranã, n.º 109, 1941).

Maravilhosas são as águas, como maravilhoso é tudo na terra «Jina de Itaparica», mas, exagêro seria atribuir só às águas tantas e tão extraordinárias virtudes. Mais acertado se andará dizendo, como os médicos da cidade do Salvador, que «não se sabe o que há na famosa ILHA; sabe-se apenas que, quando exgotados os recursos da ciência, e o doente perde a esperança de curar-se, toma uma passagem para a «Ilha Misteriosa» donde volta, dias depois, livre de todo o mal.



O Dr. Ubaldo Pimentel, mostrando aos visitantes algumas relíquias do passado, por êle guardadas carinhosamente, inclusive um morteiro e uma baioneta, ligados à guerra da Independência. (Fóto extraída de Dhâranâ, n.º 109, 1941).



D. Adelina Galvão de Andrade, entusiasta admiradora de ITAPARICA, que denomina de «Ilha Sagrada», mostrando aos excursionistas da S.T.B. (em 1941, pois, uma segunda expedição acaba de visitar essa mesma Ilha, e de cujos resultados já falamos em os números 13/14 deste periódico), um aipim de dimensões fenomenais, colhido no quintal de sua casa no «Campo Formoso». Das dez raízes, desse magnífico atestado da fertilidade do sólo itaparicano, uma tinha 1,25 m de altura, 0,75 m de grossura e pesava 62 quilos.

As benéficas vibrações dos mundos subterrâneos, são atestadas, em Itaparica, pela riqueza de seus mares (sem falar nas riquezas do sub-sólo, com vistas ao seu petróleo) e pela fertilidade de seu sólo. Isto torna a Ilha a principal fornecedora de peixe à capital, como a transformaria num abundante celeiro de frutas e cereais, se a seus filhos não bastassem os recursos obtidos com a pesca (inclusive raias, pesando de 150 a 250 quilos, etc.). Ali se encontram mangas do tamanho de melões, cachos de bananas de 30 e mais pencas, aipins como o da fotografia, etc.

Todas as frutas, principalmente as bananas, não só se apresentam dum tamanho descomunal, como revelam uma riqueza em sacarose, que as torna dum sabor agradabilíssimo. Este fato, por si só, chega para nos provar tratar-se de um terra «Jina», salva do cataclismo atlante, cujo povo, como emérito agricultor que era, conseguira, após experiências e cruzamentos sem conta, transformar um fruto silvestre em início de evolução, nessa fruta evoluidíssima que os sábios chamam «Musa paradisíaca», e os indús dizem «ter sido uma dádiva feita pelo Manú, que a colheu num corpo celeste mais perfeito do que a Terra».

A riqueza em sacarose de todos os produtos da Ilha, não passou despercebida aos primeiros exploradores. Foi assim que Itaparica se tornou, no tempo da escravatura negra, um grande centro produtor de açúcar, e foi nessa Ilha que, em 1813, o Marquês de Barbacena instalou o primeiro engenho a vapor aparecido no Brasil. As ruínas desses engenhos, espalhados por toda a Ilha, ainda hoje nos falam desse período de riqueza e de progresso.

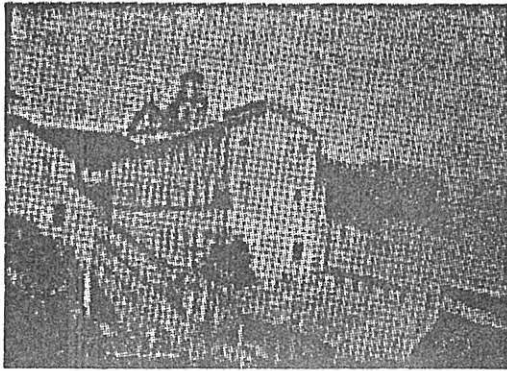
As vibrações que, infiltrando-se na água, vão aliviar todos os sofrimentos físicos e dão aos frutos um sabor e um aspecto excepcionais, manifestam igualmente seus poderes, na mentalidade dos filhos de Itaparica. Daí, também, a abundância de homens ilustres com que ela tem enriquecido todos os setores da inteligência pátria. E' um frei Manuel de Santa Maria de Itaparica, orador sacro de grande nomeada; um Francisco de Souza, autor do poema épico «Jerusalém Conquistada»; um frei Antonio da Virgem Maria de Itaparica, autor das famosas 18 epístolas Eclesiásticas, relativas ao dogma da Virgindade de Maria; um Dr. Guilherme Pereira Rabelo, médico e polemista vigoroso; um cônego Francisco Lima, estadista e orador célebre; um cônego Cajueiro de Campos, latinista insigne, autor dos versos que se acham no pórtico do Ginásio da Baía; um Dr. Luiz Alves dos Santos, catedrático da Faculdade de Medicina e ardoroso abolicionista; um Bernardino de Souza, autor do notável livro «Memórias sobre o Vale do Amazonas»; um Conselheiro Virgílio Damazio, estadista e professor da Faculdade de Medicina; um Xavier Marques, poeta e romancista; um Ernesto Carneiro Ribeiro, latinista ilustre e insigne filólogo, professor de Rui Barbosa e autor da famosa «Réplica» à uma das maiores obras do seu discípulo. A Carneiro Ribeiro, já Itaparica rendeu preito de gratidão, dando seu nome à antiga Rua dos Patos, e preparando-se, para transformar em Museu (que o é agora), a modesta casa em que êle nasceu.

Nos campos da luta pela Independência, abundam do mesmo modo os nomes que a História regista e consagra. E, dentre eles, vemos surgir o nome legendário dum Francisco de Barros Galvão, aquele herói itaparicano que, na célebre batalha das Amoreiras, travada contra os portugueses, ao sentir o punho direito decepado por uma granada, soltou esta frase homérica: «Não importa, ainda me resta a mão esquerda!» E, para resumir o valor histórico de Itaparica e revelar sua missão oculta... seu transcendente papel na formação da nossa Raça, basta citar-se o nome de Catarina Paraguaçu, a nobre filha dessa terra que, depois de salvar Diogo Alvares Corrêa, «o Caramuru» ou «Dragão filho do Mar», com êle se uniu para iniciar a fusão dos dois ramos atlantes que, após o grande cataclismo, se fixaram nas margens opostas do grande mar. (Dhâranâ, n.º 109, 1941).



Pequena casa, em ruínas, onde habitavam outróra, os empregados da «Mansão das 7 janelas», pertencentes ao avô de J.H.S., na ILHOTA (Mar Grande), em Itaparica. Tudo desapareceu, menos a «tradição», porque esta fica sempre... como eterno e histórico documento. (Vide números 13/14 deste periódico).

NOVAMENTE SALVADOR:



Seminário de Santa Tereza, na Baía.

Foi aí onde a família do Dirigente cultural e espiritual da S.T.B. o internou, após ter chegado do Norte da Índia. Uma espécie de «castigo» por haver fugido de casa, mas onde sua Mãe ia vê-lo todas as quintas-feiras e domingos. No primeiro ano vestiu batina, e sobrepeliz (nesta, ricamente bordados, figuravam uma taça e as 3 iniciais J.H.S.). No segundo ano, passando o Seminário menor a chamar-se Ginásio Arquiepiscopal de S. Vicente de Paula, como os demais alunos, usava o respectivo «uniforme». Nesse caso, Jina e Kshatrya, ou, Sacerdote e Guerreiro.

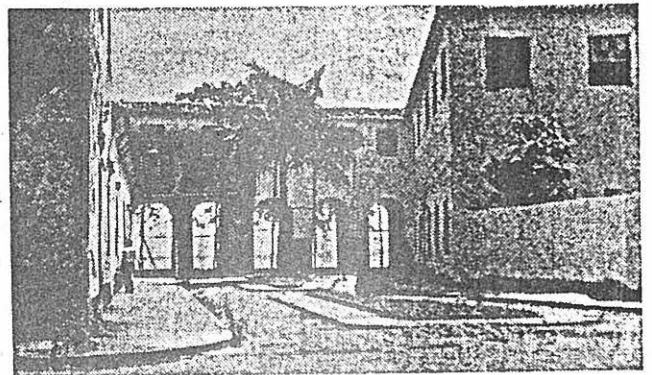
Entre os muitos fatos interessantes que aí se deram com o misterioso aluno, figuram os seguintes:

A música era obrigatória, como complemento da instrução que até hoje ali se ministra. E, quando da sua entrada, foi-lhe perguntado: «prefere o canto ou ser um dos elementos da orquestra?» Nesta só existiam: o bombo, os pratos, a caixa (tambor) e o triângulo. O novo aluno preferiu o primeiro desses instrumentos. Certa vez, num dos ensaios, o «Professor da banda» — o Pe. Silvino — vendo que a parte do referido aluno não estava à sua frente, descobrindo-a por baixo de um banco, pois, o vento a tinha levado para aquele lugar, teve estas palavras: «Há muito tempo que eu des-

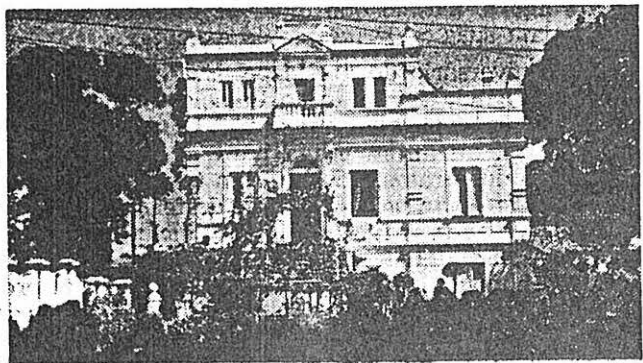
cobri que o sr. toca música de cór»... E assim tem sido até agora, mesmo que todas as músicas da Instituição sejam suas e êle mesmo as execute...

* Pelo aniversário do arcebispo, D. Jerônimo Tomé da Silva, a banda foi tocar no Palácio arquiepiscopal. Em plena harmonia, o mesmo aluno, fingiu que ia desferir o golpe, ou antes, era a hora da «pancadaria». O figurante dos pratos, que também tocava de ouvido, ou se deixava levar pelo «bombo», desferiu sôzinho as pancadas. Foi uma gargalhada geral, inclusive do próprio arcebispo que, diga-se de passagem, era um santo e bondoso homem... Quando, de fato, foi a hora própria de entrar a «pancadaria», o dos pratos, temendo uma nova «partida» do seu colega... não acompanhou a parte. Nova gargalhada... Mas, quando a banda se retirou a caminho do Seminário, seu dirigente, o Pe. Silvino, foi logo dizendo: «E' isto que faz se querer tocar música de cór». Mas, como fosse também uma boa alma, o castigo não passou da «reprimenda».

No fim do ano deu-se um outro fato que, infelizmente não pode figurar integralmente neste trabalho, foi aquele de, quando o mesmo Arcebispo D. Jerônimo Tomé da Silva lhe foi colocar na cabeça a corôa de folheto de ouro (além de dois livros que completavam o prêmio, intitulados «Genoveva de Brabant» e «Ovos de Pascua», dois livros iniciáticos), nosso misterioso aluno, procurando segurar os cabelos para que não fosse desfeito o penteado, o que disse o mesmo Arcebispo... é, justamente, o que não pode ser divulgado, embora que vultoso número de pessoas tivesse ouvido semelhantes palavras, que foram mais do que «uma revelação». Aqui, em vez do RES NON VERBA, de ver-se-ia dizer: RES ET VERBUM.



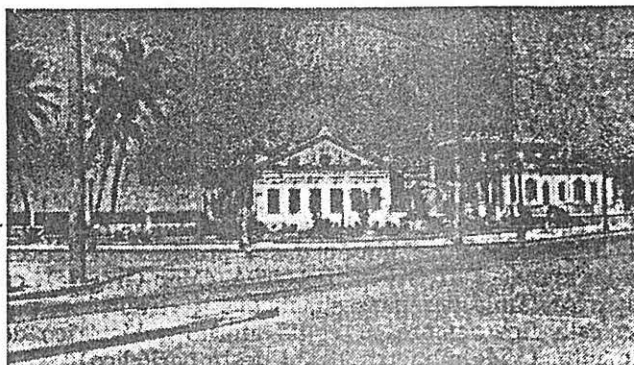
Velho palácio da Penha, onde hoje funciona uma escola de religiosas. Outrora — depois que o arcebispo deixou de veranear no referido palácio, era alugado à certas famílias nobres. Nele residiu a família de J. H. S. que foi, aí, salvo de mortal paratifo, por «quatro plantas misteriosas», entregues por um ADEPTO disfarçado em mendigo à Zeladora da mesma igreja da Penha, para a qual conduzia a passagem formada pelos arcos que aí são vistos, indo ter ao côro da igreja. O côro é dividido em duas partes: uma pertencente ao palácio e a outra à mesma igreja. A zeladora chamava-se SOFIA, nome que, proveniente do grego SOPHIA (VERDADE), devia ser a da portadora do remédio destinado a salvar a quem à frente da TEOSOFIA («Sabedoria ou Verdade dos Deuses»), tinha a Missão de levar essa mesma Verdade a quantos pela sua Palavra fossem atraídos.



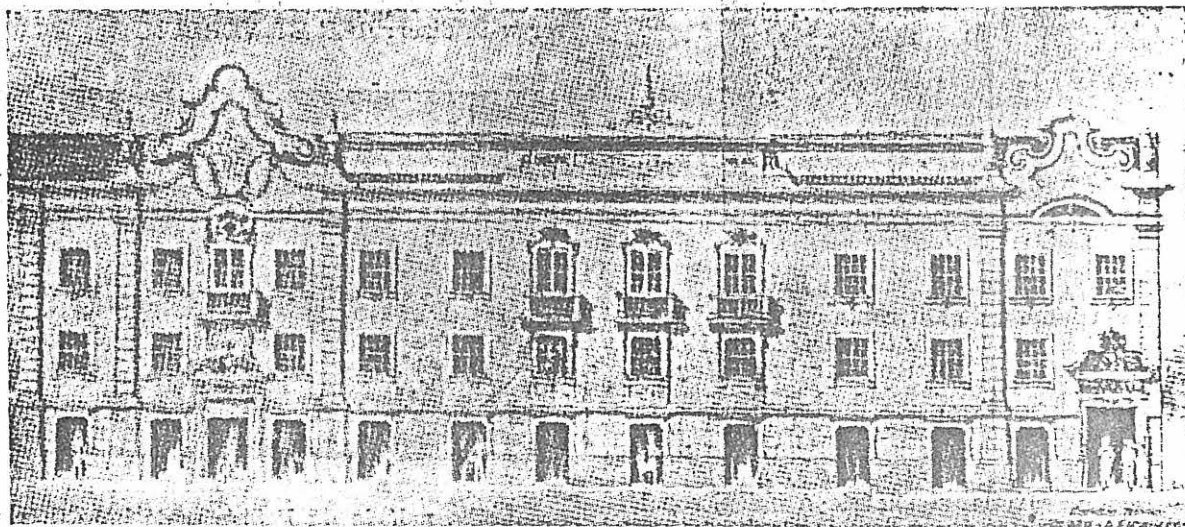
Nesta bela residência do CANELA — embora que hoje remodelada, morou a família paterna do Presidente cultural e espiritual da S.T.B. Outrora chamava-se «Palacete Pedroso», por ter pertencido à família desse nome, e que residia em outra casa menor, do lado oposto (nos fundos). Hoje tem o nome de «Solar Santo Antonio».

Em se tratando de uma simples legenda, seria impossível citar todos os fatos de ordem fenomênica (de ordem psíquica) que em tal residência tiveram lugar. O interessante é que, enquanto os pais ficavam «apavorados» com semelhantes fenômenos, «o filho» achava graça, pilheriava, etc. Como se sabe, desde a infância os fatos sobrenaturais que se desenrolavam em torno

da «criança misteriosa», aos próprios médicos (e homens de ciência), como Nina Rodrigues, Alfredo Brito (Diretor da Faculdade de Medicina), Souza Leite, da «Clínica de Charcot», na Salpêtrière, em Paris, mas então clinicando em Salvador, etc., causavam admiração, além de motivo para profundos estudos.



Na primeira residência da fotografia acima, também morou a mesma família, porém, estando hoje completamente modificada, principalmente no frontespício. A estátua que aí se vê, na praça em frente, é a de COLOMBO. Está situada num dos mais famosos bairros de Salvador, que é RIO VERMELHO.



EDIFÍCIO SOLAR DO FERRÃO

Séde da Associação Centro Operário da Bahia

Trata-se de mais um edifício baiano considerado «Museu Nacional», pela beleza da sua arquitetura e pelos fatos históricos que ao mesmo se prendem.

Bem poucas pessoas sabem que tal edifício se comunica com as galerias subterrâneas, que vão ter à Catedral baiana (Igreja do Salvador), em cujo frontespício os estudantes mais antigos colocaram o «calouro» que é hoje o Presidente da S.T.B., para fazer um discurso sobre a Guerra de Canudos, cujo discurso já foi, em síntese, transcrito em Dhâranã (em um dos números da coleção dedicada a S. Lourenço), e que

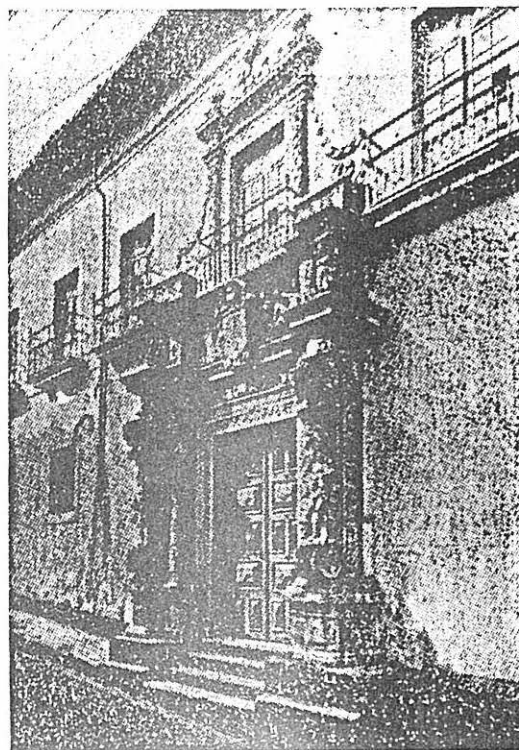
foi muito apreciado, não só pelos referidos estudantes da Faculdade de Medicina, que logo o appearam do nicho do Salvador onde o haviam colocado, servindo-se de uma escada, como também, pelos transeuntes que o aplaudiram freneticamente. Sim, as galerias subterrâneas que passam por baixo do edifício da fotografia acima, se ligam com as que passam por baixo da referida catedral, indo ter às do Seminário nas quais penetrou J. H. S., em companhia de outros dois companheiros, enquanto o Reitor (Padre Bruno, como era chamado pelos próprios alunos) os esperava à saída,

para censurá-los «paternalmente», pois, receiava que algo lhes houvesse acontecido. E a prova é que, no dia seguinte, mandava tapar a referida entrada (cujo arco ainda pode ser visto até hoje, por quem se der ao trabalho de visitar o referido «Seminário»). Pois bem, tais galerias subterrâneas vão ter ao «Farol da Barra». E foi por elas que fugiram os jesuítas, quando receberam «voz de prisão», no momento aprasado, pelo Marquês de Pombal, como é de todos conhecido. O oficial que comandava a força estacionada no Terreiro do Paço (hoje Praça 15 de Novembro), vendo que os mesmos não apareciam, chegou à janela para dar ordem que a mesma penetrasse na igreja... Todos haviam desaparecido pelas referidas galerias subterrâneas, cuja entrada (bem poucos o sabem) se acha por baixo do altar-mór da mesma Igreja, discretamente oculta a olhos profanos. No mar, bem próximo à praia da Barra, uma caravela os esperava... para essa viagem, a bem dizer, «sem destino certo»...

Em uma das pórtas vistas em tal Solar, possuía uma oficina mecânica, certo Sêr misterioso, cujo nome profano era «Antonio Maceió», com sua tradição, até hoje, «de homem magnânimo, porém, senhor de grandes poderes, pois, aparecia e desaparecia na presença de todos... Fazia curas verdadeiramente «milagrosas», etc. Era tido por «medium espirita», mas, em verdade, era muitíssimo mais do que isso... E a prova é que, hoje se encontra em certo Templo tibetano, esperando a hora, com mais outros dois, de fazer o seu aparecimento no OCIDENTE.

Amigo e auxiliar de J.H.S., esse «Homem miraculoso», estando certa vez em casa do irmão daquele (o mesmo que se vê no barquinho deste estudo...), na rua do Pilar n.º 63, como uma das muitas casas que possuía o pai dos dois — fazendo êle o prognóstico da vida de todos os presentes, ao chegar na do pequeno, em questão, apontou a sua Missão futura e imediata... no mundo. Neste momento, «um jacto de Luz... digamos, descido do céu», veio ter sôbre a cabeça do pequeno Henrique, iluminando-o por completo, a ponto dos presentes julgarem que se tratasse de uma «faísca elétrica», e que o mesmo estivesse queimado... Tanto êle como o seu auxiliar (já naquele tempo) esboçaram um sorriso diante daquele «temor infundado». A seguir, tudo ficou explicado...

Depois de tudo isso, não há como dizer em tibetano: OM MANI PADME HUM! isto é, «Salve ó Joia preciosa do Lôto»...



Casa do «Paço do Saldanha»

Por sua famosa arquitetura e fatos históricos, que na mesma se deram, «foi considerada Monumento Nacional».

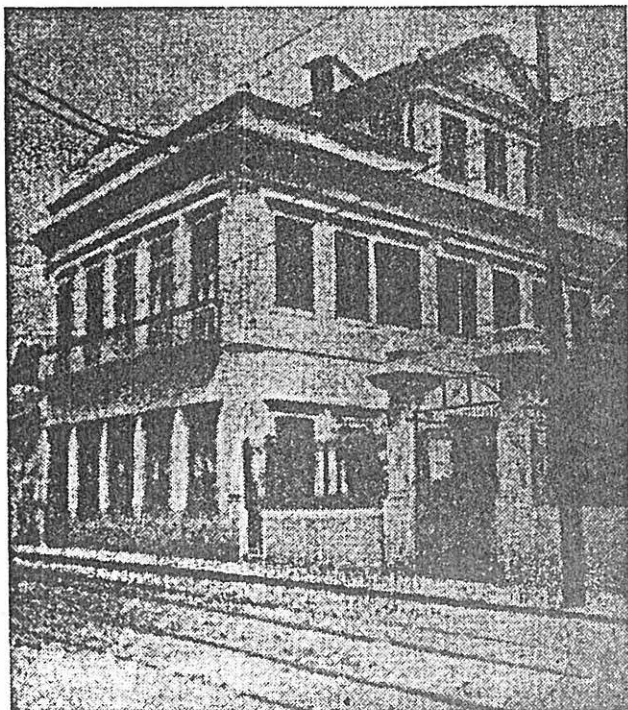
Os fatos políticos de maior importância — no tempo do Império — do mesmo modo que reuniões de caráter, a bem dizer, maçônico aí tinham lugar, através das Ordens de Avis, de Cristo, da Rosa, etc. Entre os homens de maior destaque, nas referidas ORDENS, figuravam os do pai e do avô do Presidente cultural e espiritual da S.T.B., hoje, por sua vez, Grão Mestre da ORDEM DO SANTO GRAAL.

Nota — A maioria das fotografias enviadas pelo Dr. Jaddo Couto Maciel, da Secretaria da Intendência Municipal baiana e Membro ilustre da S.T.B., para figurar no presente número de O LUZEIRO (além do vultoso número que figura, por sua vez, na revista DHARANÁ — como Órgão Oficial da S.T.B.), foram tiradas pelo exímio fotógrafo baiano, mais conhecido por ZITO, como se pode verificar, por exemplo, na bellissima fotografia do «Palácio da Aclamação». Sua casa de novidades e material fotográfico, tem o nome ZITO, e está situada na rua Chile n.º 7 — Salvador — Baía.

“SANTUARIO DO BRASIL”

A Sociedade Teosófica Brasileira, no seu desejo incansável de trabalhar para o progresso espiritual e moral do povo brasileiro, acaba de reiniciar suas atividades radiofônicas. “Santuario do Brasil” é o nome do programa que vem sendo irradiado, pela RÁDIO ROQUETE PINTO, PRD-5, do Rio de Janeiro, aos domingos, das 14,45 às 15,00 horas, desde o dia 6 de setembro. A realização deste programa tornou-se exequível, graças aos esforços dos membros do Departamento da S. T. B., do Rio de Janeiro, e, acima de tudo, pela clarividência dos Dirigentes da supracitada Rádio.

NITEROI



O prédio onde funciona a Sociedade Dhâranâ,
à rua General Andrade Neves, 305, em Niteroi.

A Sociedade trabalha no sobrado.

Fotografia e legenda dos jornais da época (1926)

Como se sabe, nossa Instituição foi fundada com o nome sânscrito — DHĀRANĀ — (pois que, no começo, estava ainda ligada ao Oriente...) — na casa da rua Santa Rosa n.º 426, e onde se deram os mais desconcertantes fenômenos presenciados por vultoso número de pessoas, além de representantes de diversos jornais de Niteroi e Rio, que, no dia seguinte, estampavam nas suas colunas aquelas memoráveis sessões de todos os domingos. Pois bem, logo a Instituição se passou para o prédio acima, situado, ainda hoje (embora que devidamente remodelado...) à rua General Andrade Neves n.º 305, «o telhado desabou» (do prédio anterior). Algo assim, como quem diz: «Aqui não mais residirão profanos», na razão das palavras do Sumo-Sacerdote, no portal do Templo de Delfos: «Eskato Bebeloi!» (ou, «Fora daqui os profanos»).

A casa, da fotografia acima, foi remodelada para na mesma funcionar uma Escola Pública. Confere...

No prédio acima, por sua vez, os fenômenos tomaram maior vulto. E os jornais — como O ESTADO, O FLUMINENSE, DIÁRIO DO ESTADO, na Capital fluminense. A VANGUARDA, O BRASIL, A REAÇÃO, o mesmo GLOBO, etc., continuando preenchendo as suas colunas com os acontecimentos das suas assombrosas «sessões» na Capital da República.

Em Niteroi a Obra — através da mesma Institui-

Colecione "O LUZEIRO". No fim de um ano você terá um volume com incalculáveis valores espirituais.

ção — como sua única detentora no mundo — percorreu cinco casas — durante os dez anos que ali esteve, indo depois para o Rio de Janeiro, onde esteve até o ano passado, embora que ali continue um DEPARTAMENTO seu. E a seguir — mesmo que sua Sêde e Fôro sejam em S. LOURENÇO, como «régio Lugar da sua fundação espiritual», como prova possuir ali seu TEMPLO DEDICADO À PAZ UNIVERSAL, e, consequentemente, à todas as religiões do mundo, repetimos, e a seguir, veio para a Capital de S. Paulo.

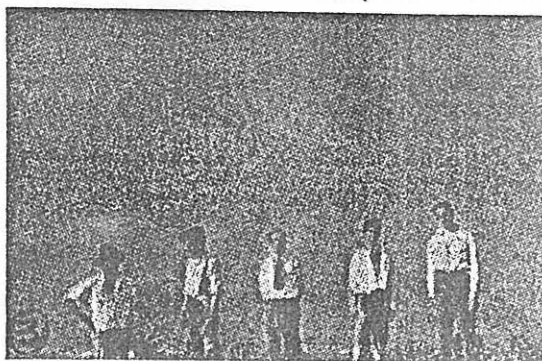
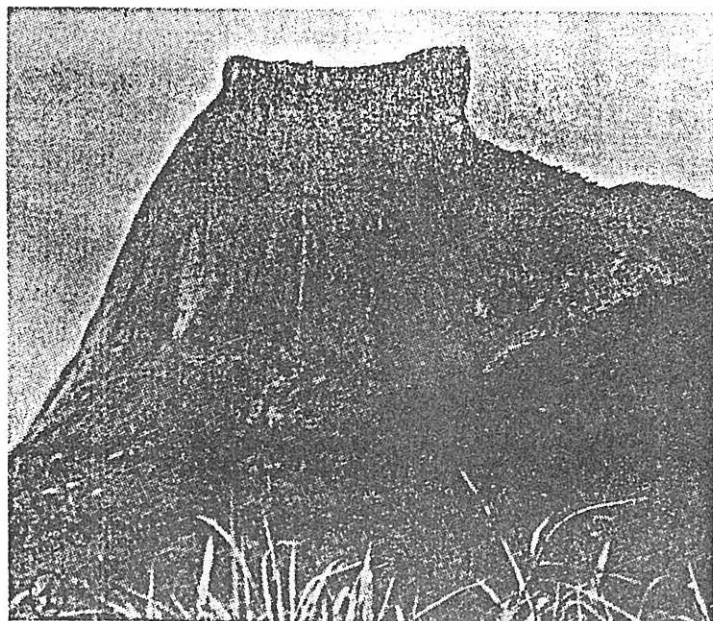
Fáto interessantíssimo: antes da família do referido Dirigente da Missão Y, se dirigir para NITEROI (por ORDEM SUPERIOR), residia na casa da Rua Martins Pena n.º 3, no Rio de Janeiro, onde também começaram os referidos fenômenos, a ponto de maravilhar os próprios vizinhos (mesmo porque, segundo se viu no artigo anterior, intitulado ECCE HOMO!, a vida do mesmo Dirigente, desde o seu nascimento, se cercou dos mais desconcertantes fenômenos, para não empregar o termo «excelsos». E isto, com o testemunho valioso de baianos ilustres, inclusive médicos como Nina Rodrigues, Alfredo Brito, Souza Leite e outros mais...). Pois bem, depois da família, com a Instituição, se terem passado novamente para a Capital da República, percorrendo diversas casas, foi ter bem em frente daquela onde os Dois Fundadores e Chefes da Obra, foram pela primeira vez em S. Lourenço (em 1921), de cuja residência vieram ter à Capital Bandeirante. Tal residência, donde saíram o ano passado, se acha situada à Rua Professor Gabizo, 160. «Por lei de Causalidade» — como tudo na referida Obra — na casa em frente à mesma (Rua Martins Pena n.º 3) teve ela o seu início. Enquanto que na casa da rua Prof. Gabizo, teve o seu fim, no Rio de Janeiro. Alfa e Omega, Comêço e Fim. Cabeça e cauda da Serpente de Sabedoria. Sim, S. Lourenço, Rio, Niteroi e... S. PAULO! Fenômeno idêntico ao do famoso jesuíta José de Anchieta. Mas há outras cousas que, infelizmente... não podem ser ditas de público! O mesmo Jesus já dizia, em tom sentencioso: «Margaritas ante porcus». ... «Não atireis pérolas aos porcos». E isto porque, se poucos são dignos de tais revelações — de acôrdo, também, com o «muitos serão os chamados e poucos os escolhidos (eleitos ou elite)», a maioria não é digna dessas mesmas revelações. Haja vista, N. Sra. de Fátima (como anunciaram os próprios jornais), dando uma Revelação ao Papa atual, mas lhe dizendo que «sòmente em 1960 a mesma poderia chegar ao conhecimento do público»... Res non verba.

AOS SENHORES ASSINANTES

Para que a distribuição de "O LUZEIRO" continue a se procêssar normalmente, sem qualquer interrupção, pedimos aos senhores assinantes, que renóvem em tempo as suas assinaturas, tendo em vista os nòvos preços para o Brasil e para o Estrangeiro.

(A administração)

RIO DE JANEIRO



Três maravilhosas fotografias da PEDRA DA GAVEA tiradas por membros da S.T.B. do referido «monumento fenício», em uma das várias excursões que a mesma tem realizado naquele lugar. Vamos comentar, em síntese, o que as mesmas fotografias representam:

1.ª — Qualquer estudioso de assuntos arqueológicos, logo descobrirá, na sua silhueta, uma «Esfinge fenícia». E foi estribado nesse mesmo princípio, que o grande Champollion brasileiro, que foi Bernardo Ramos, descobriu nas «chamadas ranhuras do tempo», pelos não conhecedores do assunto, como sendo: YETBAAL TYRO FENICIA PRIMOGENITO DE BADEZIR. E o próprio autor destes estudos, do número atual de O LUZEIRO, que «a PEDRA DA GAVEA não é outra cousa, sinão, TEMPLO dedicado a BADEZIR (o pai) e TUMULO de seu filho YETBAAL, que, com sua esposa... pereceram em um naufragio havido na baía que hoje tem o nome de GUANABARA, pois, a sua maior distração era «a de atravessar de um lado para outro e vice-versa», essa mesma «Baía», como se preparassem naquela época, algo que deveria ser levado a efeito muitos séculos depois...» E a prova é que, a cidade fronteira àquela onde se acha até hoje a refe-

rida PEDRA (Rio de Janeiro), chamava-se NISH-TAORAM, isto é, «o Caminho Iluminado pelo Sol». Por lei de «causalidade», ou seja pelo que fôr, tal cidade recebeu o nome tupi, NITEROI, que significa: «Baía grande». E o mesmo autor foi mais adiante, como quem tivesse penetrado no interior do referido «monumento»: «depois de uma rampa ou ligeiro declive, penetra-se num recinto acanhado onde se acham duas mêsas de pedra marmore, sôbre as quais descansam dois corpos: o de Yetbaal e o de sua esposa. Na cabeceira de ambos, figuram dois grandes vasos, estilo «marajoara», como diríamos atualmente, mas, francamente fenícios. Nos pés, vis-à-vis a Yetbaal, um escravo nubio. Do mesmo modo, nos de sua esposa, uma escrava nubia. Ao lado de cada um dos dois referidos corpos, se acha um vaso canópico contendo os manes dos dois referidos sêres. Uma arcada separa esse recinto de uma outra rampa, que vai ter a um recinto menor, e onde é vista uma barquinha de tétó esmaltado em azul, e que era movida por uma roda, com manivela, pelo mesmo escravo nubio. Tal roda fazia mover, por sua vez, uma espécie de helice na pôpa da barquinha. A seguir, nova rampa ou descida, que alcança uma pequena escadaria que vai dar ao mar

(em Belém do Pará residem dois jovens, que já residiram também no Rio, e «quando sócios de certo clube de Regatas, foram ter à essa embocadura. E tentaram subir a referida escadaria, mas... temendo o desconhecido, volveram os passos». São eles mesmos que narram o fato até hoje, inclusive, numa das suas visitas ao Instituto Hilarião, filiado à S.T.B.)...»

E paremos aqui para não falarmos de «cousas proibidas».

2.ª — A Srta. Vera de Sousa Reis — das fileiras da S.T.B. — tendo alcançado o ápice da PEDRA DA GAVEA, desfralda os dois Pavilhões: da Pátria e da Missão em que a S.T.B. se acha empenhada.

3.ª — Membros da S.T.B. — por sua vez — alcançam a parte mais alta da PEDRA DA GAVEA, dando a impressão... que estão nos ares».

A S.T.B. querendo prestar homenagem à referida PEDRA, mandou colocar no seu interior (na primeira concavidade ou caverna) uma caixa de metal contendo os objetos mais necessários a socórrros urgentes, como fossem: tesoura, ataduras, iodo, esparadrapo, etc. mas também, para estragos nas vestes dos que ousam galgar as partes mais elevadas da referida Pedra. Em outra excursão, por Ordem de seu Dirigente máximo, deixou na parte mais alta, que, apresentando a feição de «um cesto da gavea», como usam todos os navios de longo curso, e onde ficam os «gageiros» para assinalarem «embarcação à vista», «terra próxima», etc., uma garrafa contendo fraternal e carinhosa Mensagem para o primeiro que ali chegasse. Dias depois, a mesma recebia outra Mensagem do Clube de Turismo do Rio de Janeiro, dando parte do referido «encontro», e convidando-a, ao mesmo tempo, a tomar parte num pic-nic que o mesmo Clube realizava em sua honra.

Fazemos aqui notar, o grande espanto que aquele heróico e inteligente grupo de rapazes, teve ao ver senhoritas e rapazes fazendo semelhante escalada sem os objetos indispensáveis «ao alpinismo»: sapatos de corda, ganchos de ponta voltada, bastão, rolos de corda, etc. etc. As fotografias acima revelam o grande heroísmo desses grupos excursionistas da S.T.B., à Pedra da Gavea. Como o foram, também, outros excursionistas seus, a S. Tomé das Letras, por sinal que as descobertas feitas pelos mesmos, foram motivo de valiosos estudos levados a efeito na revista Dhàranã, como órgão oficial da S.T.B. e da autoria do Prof. Dr. Edmundo Cardillo. Dentre as mais importantes descobertas, figura aquela de que, «as inscrições da Pedra junto à Igreja dedicada ao Santo do referido nome, não são outra cousa, sinão, um roteiro indicando certo «Lugar Jina» ou de «antepassados», com o nome de «Pico do Lião». Semelhantes terras foram adquiridas por um membro ilustre da S.T.B., que é o Dr. Ural Prazeres, como Chefe das mesmas excursões, como prova de sua alta admiração por tudo quanto diz respeito à Cidade-Jina de S. TOMÉ DAS LETRAS. O Dr. Ural Prazeres, além de residente — com sua esposa e graciosa filhinha de nome Vera Lucia (todas as Veras são verdades, e como tais, «verdadeiras»...) em S. Lourenço possui um bem montado Gabinete Dentário, além de ser o Diretor-Proprietário do conceituado periódico sanlourenceano com o nome de A ESTANCIA.

DHARANA 35

Fixou residência em São Paulo o Presidente da Sociedade Teosófica Brasileira

O embarque para a Paulicéia do Professor Henrique José de Sousa e da sua família



O Professor Henrique José de Sousa, Presidente cultural e espiritual da Sociedade Teosófica Brasileira, acompanhado de sua excelentíssima esposa, ara. D. Helena Jefferson de Sousa, e de seus filhos Helio, Soteria, Jefferson e Henrique, embarcou no último dia 16 de agosto para São Paulo, onde fixou residência.

Na fotografia que ilustra estas linhas, vemos no primeiro plano, o Prof. Henrique José de Sousa, ladoado por sua família e por vários irmãos que se foram despedir do Mestre, que viajou no auto que se vê à direita, de propriedade do nosso irmão José Solíska, que o conduziu à capital paulista.

Intercâmbio Jornalístico

Recebemos e agradecemos a revista «Lâmpada», órgão do Instituto Teosófico, de Curitiba; a revista «Tempestade», da «Theosophical Society», de San Francisco, Califórnia; «O B.», a revista de pensamento, do Centro Espiritual do Pensamento; a revista «Vida», órgão do Departamento Cultural Vida, e jornal «O Arquivo de São Lourenço», o jornal «Espiritualista», o jornal «O Município», de S. João da Boa Vista — S. Paulo.

Esse livro que a própria instituição é o primeiro benefício que recebe de livros sem gratuidade, se os que vendem.

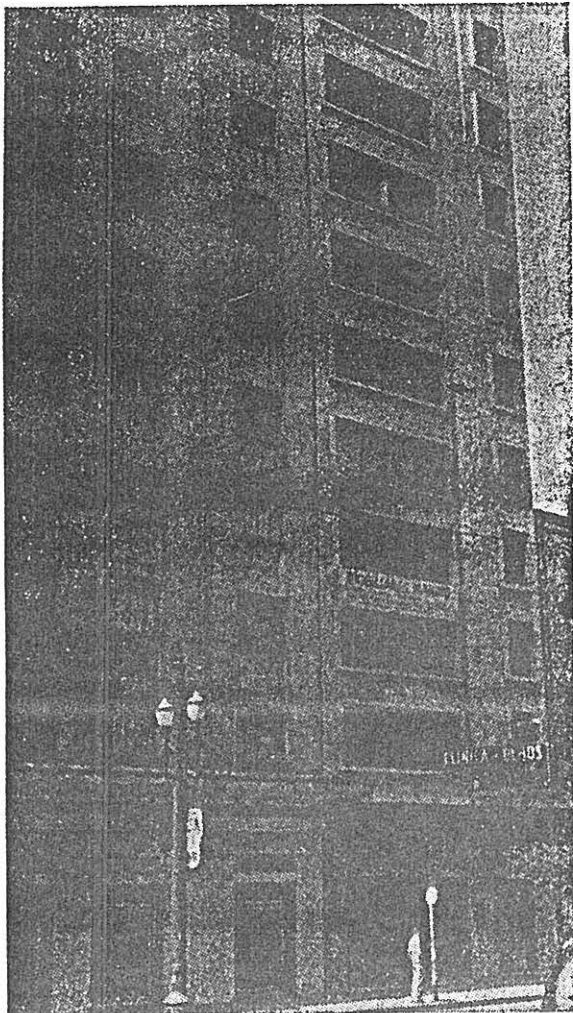
Montes

Foi, pois, desta maneira pela qual a revista DHARANÃ, em seus números 2 e 3, ano 26, noticiou a partida do Presidente cultural e espiritual da S.T.B., com a sua família. E, conseqüentemente, a última casa onde residiu na Capital da República, ou seja, à Rua Professor Gabizo n.º 160, bem em frente àquela onde, a bem dizer, começou a Obra (Rua Martins Pena n.º 3), pois, daí partiram para NITERÓI, afim de ser fundada materialmente a Instituição detentora da MISSÃO Y.

CONFERENCIA DO DEPUTADO CAMPOS VERGAL

No dia 14 de setembro, o ilustre Deputado Federal, Dr. Romeu de Campos Vergal, proferiu brilhantíssima conferencia, em S. Paulo, na séde do Departamento da S. T. B. e da «Cruzeiro do Sul» - Sociedade Cultural - Espiritualista, filiada àquela Instituição. Inúmeras foram as pessoas que acorreram para ouvir e aplaudir a palavra eloquente e profunda do grande tribuno e espiritualista.

SÃO PAULO



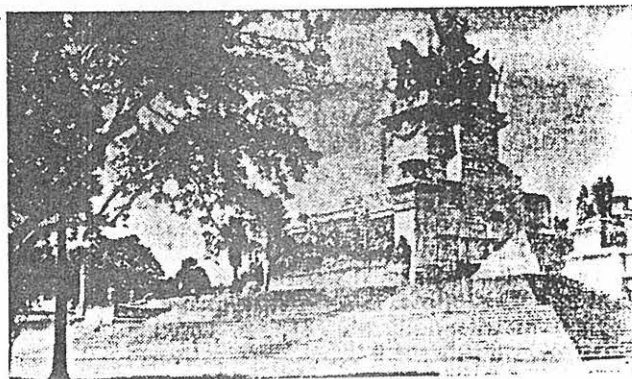
No 5.º andar (assinalado) deste prédio, situado à Av. Liberdade n.º 47 — em S. Paulo — funciona a CRUZEIRO DO SUL — Sociedade Cultural-espiritualista — filiada à S.T.B. Do mesmo modo que o seu Departamento nesta Cidade e a Redação de **O LUZEIRO**.

São, ainda, Instituições paulistas, filiadas à S. T. B.: em Sto. André, a Sociedade Cultural-espiritualista Sto. André; e, em Campinas, o Instituto Cultural «Rosa de Luna».

Em Belém, capital do Pará, funcionando em prédio próprio e terreno que lhe foi doado pela Prefeitura daquela cidade (na gestão do ilustre e digníssimo Prefeito — Dr. Abelardo Condurú), além de «reconhecida de utilidade pública», como acaba de o ser a própria Sociedade Teosófica Brasileira, pela Câmara Municipal de S. Lourenço, — «pelo muito que a mesma tem feito a favor do progresso material, cultural e artístico daquela cidade» — funciona o Instituto Cultural Hilarião, sob a Presidência do Dr. Carlos Lucas de Sousa, que, além de Secretário Geral do Prefeito atual, já tem ocupado por duas vezes (interinamente) o referido cargo. Fato interessante: agora, quando do Congresso Eu-

carístico, realizado na mesma cidade, coube-lhe o digníssimo «encargo» de ser êle, com as suas próprias mãos, quem colocasse as duas estatuas que, em tal ocasião foram inauguradas em duas das suas principais praças, ou sejam: a do CRISTO e a do Padre José de Anchieta. De fato, muito pode a Lei que a tudo e a todos rége! Mais uma vez: RES NON VERBA...

Agora mesmo, acaba de ser fundado em BELO HORIZONTE, o INSTITUTO ITAPARICA, filiado à S.T.B. E composto de valiosos elementos do mundo espiritualista da Alterósa.



Monumento do Ipiranga

Foi aqui, neste mesmo lugar, onde, a 7 de setembro de 1822, D. Pedro I lançou o grito: «INDEPENDÊNCIA OU MORTE».

São estes os GOVERNOS que o Brasil tem tido de Pedro I até hoje: 1) Pedro I (1822-1831); 2) Francisco de Lima e Silva (1831-1835, tendo formado a Regência Trina Provisória, de 7 de abril a 18 de junho de 1831, com o marquês de Caravelas, José Joaquim Carneiro de Campos e o senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, e a Regência Trina Permanente, com os deputados José da Costa Carvalho e João Braulio Muniz); 3) Diogo Antonio Feijó (1835-1837); 4) Pedro de Araújo Lima, marquês de Olinda (1837-1840); 5) Pedro II (1840-1889); 6) Princesa Isabel (1871, 1876-1877 e 1887-1888); 7) Marechal Manuel Deodoro da Fonseca (1889-1891); 8) Marechal Floriano Peixoto (1891-1894); 9) Prudente José de Moraes Barros (1894-1898); 10) Manuel Ferraz de Campos Sales (1898-1902); 11) Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906); 12) Afonso Augusto Moreira Pena (1906-1909); 13) Nilo Peçanha (1909-1910, tendo entrado em exercício por motivo da morte do presidente Afonso Pena); 14) Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca (1910-1914); 15) Venceslau Brás Pereira Gomes (1914-1918); 16) Delfim Moreira da Costa Ribeiro (1918-1919, tendo entrado em exercício por motivo da morte do presidente eleito, Francisco de Paula Rodrigues Alves, falecido antes de tomar posse); 17) Epitácio da Silva Pessoa (1919-1922); 18) Artur da Silva Bernardes (1922-1926); 19) Washington Luiz Pereira de Sousa (1926-1930); 20-22) Getúlio Dorneles Vargas (1930-1945 e, cinco anos depois, eleito para o período de 1951-1956); 21) General Eurico Gaspar Dutra (1946-1951).

Diante do papel preponderante que o BRASIL tem na História atual da Humanidade — a ponto de o considerarmos como «Santuário da iniciação moral do gênero humano a caminho da sociedade futura» — é

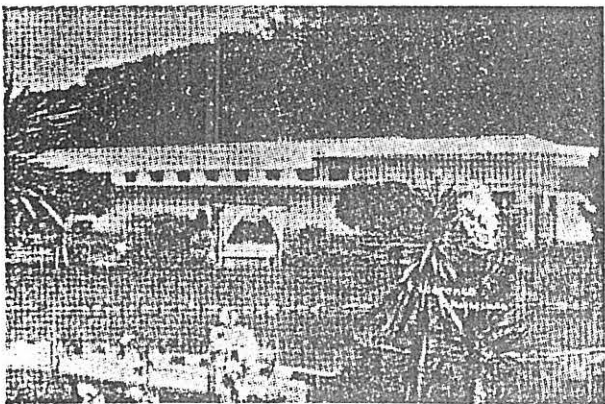
muito natural que o número de Dirigentes, desde Pedro I a Getulio Vargas — fosse de VINTE E DOIS, isto é, o número dos ARCANOS MAIORES, com os quais os verdadeiros cabalistas podem lêr o Destino dos seres humanos. Outrossim, a gestão do Presidente Getulio Vargas, terminando no ano 1956, já o dissemos em outros trabalhos, «é aquele em que, por força de Lei, será levado a efeito o JULGAMENTO desses mesmos seres humanos».

E como a soma cabalística de 1956 seja 21 (como o último arcano maior, ou o 7.º último grupo de 3, como é feito o JOGO do TARO SACERDOTAL), o seguinte é o 22 (como síntese unitária dos 7 grupos), com o nome de O MUNDO. Nesse caso, O MUNDO começa um novo Ciclo que vai ter ao ano 2005 (soma 7), quando se manifestará, na Terra, a ESSENCIA DIVINA, através do avatar AQUARIO, como anunciam as escrituras, pouco importando seu nome que, para alguns é MITRA-DEVA, mas, para aquelas mesmas escrituras é APAVANADEVA, isto é, «avatar (ou avatara) Aquático». Qualquer astrônomo sabe que, «no começo do século XXI terá início o ciclo de AQUARIO», em substituição ao de PISCIS, dizemos nós, sob o qual se manifestou o Cristo, etc. E a prova é que, ao lhe apresentarem a mulher adúltera (?), Ele traça no chão um peixe, além de dizer: «Aquele que estiver isento deste pecado (do sexual, e não «de pecado», como vulgarmente se diz. . .), que lhe atire a primeira pedra». Desse modo, contestava Ele o humano ou falso Julgamento, pelo Divino ou verdadeiro. E, quanto às interpretações errôneas, que os não Iniciados nos Mistérios da Vida, fazem das palavras veladas, não há como lembrar palavras ainda, do mesmo Sêr, a respeito da «letra que mata», «por baixo da qual se acha o Espírito que vivifica». E é assim, por exemplo, que a alguém que, há muitos anos nos interpelou de modo um tanto sarcástico, com estas palavras «Os srs. falam em Nome da Verdade, mas, não são capazes de dizer onde a mesma se acha!» — «Engana-se, respondemos nós, não se deve procurá-la, sinão, por trás da Mentira». E o olhar estranho que nosso interlocutor nos lançou, foi prova bastante de que não havia compreendido a boa lição que lhe havíamos dado. . .

Em resumo, por todas essas cousas e outras muitas, ainda, que a S.T.B., «de 1956 em diante, não mais receberá nas suas fileiras, sinão, menores de 21 anos».

Com isso. . . está dito tudo.

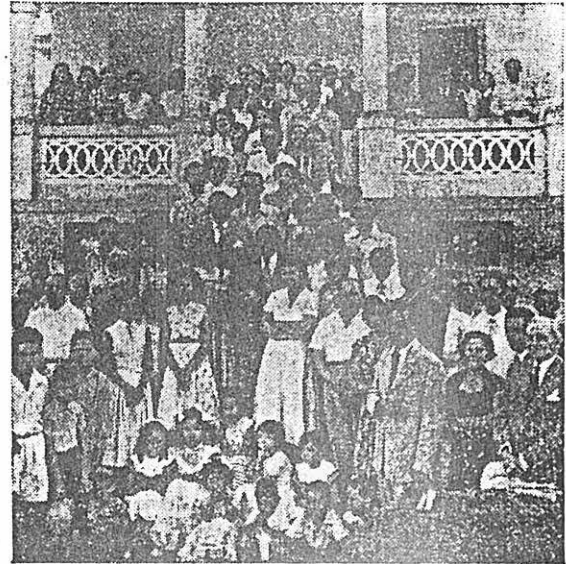
SÃO LOURENÇO



Fonte Magnesiana

Entre as diversas fontes de águas minerais que possui a privilegiada estância que tem o nome de S. LOURENÇO, figura a MAGNESIANA.

Milhares de pessoas têm ficado radicalmente curadas com o uso das suas «águas milagrosas».



«Vila Helena»

Residência da família do Presidente cultural e espiritual da S.T.B., Prof. Henrique José de Souza, situada à Av. Getulio Vargas n.º 465, em S. Lourenço. Fôto tirada nas últimas solenidades do corrente ano.



Templo da Sociedade Teosófica Brasileira, dedicado à PAZ UNIVERSAL e à todas as religiões do mundo, erguido na VILA CANAÃ, em S. Lourenço.

“TRABALHAR, AMAR E PERDOAR, EIS A NOSSA DIVISA”.

(H. J. SOUZA)

SUBLIME CAUSALIDADE!

Prof. H. J. SOUZA

«Dura lex sed lex»...

De fato, sublime CAUSALIDADE é aquela das cidades percorridas pelo famoso jesuíta José de Anchieta, serem as mesmas do excelso ROTEIRO por que havia de passar a Obra grandiosa em que a S.T.B. se acha empenhada: SALVADOR, como Capital do Estado da Bahia, incluindo a ILHA DE ITAPARICA que lhe fica frontelriça. E, como se sabe, foi o «berço da Civilização Brasileira». A seguir, Niteroi, Rio de Janeiro e São Paulo.

Para todos os efeitos, seu Dirigente «nasce na Cidade do Salvador», no dia 15 de setembro de 1883. E vai, com sua futura companheira de Missão (que, em verdade, já o era naquela época), à Ilha de Itaparica, no dia 24 de junho de 1889 (Dia de S. João e partindo do Teatro do mesmo Nome, onde foi o seu primeiro «encontro»).

Em ITAPARICA — no lugar denominado «ILHOTA», no Mar Grande, visitam a casa do Avô paterno do Dirigente, a qual possuía o iniciático nome de «Mansão das Sete Janelas». E isto, no mais aprazível e arborizado sítio do lugar, repleto de árvores frutíferas, inclusive frondosas pitangueiras, todas elas representando algo mitológico, além de um «Presépio», onde não faltavam os TRÊS REIS MAGOS do Cristianismo, logo à entrada. E que atraía vultoso número de visitantes vindos de Salvador e outros lugares adjacentes, em visita ao referido... «mistério». E onde ainda, os Dois Adolescentes tiveram ocasião de se deparar com uma lancha enclhada na praia, trazendo o expressivo nome de CONCEIÇÃO FELIZ (1), que até hoje ali se encontra no mesmo lugar... E da qual, três membros da S.T.B., que foram este ano em visita à referida Ilha, da mesma lancha trouxeram um pedaço do seu «cavername», por sinal que hoje em exposição no Museu de nosso Templo, na cidade de S. Lourenço. E ao voltarem na mesma embarcação que os conduziu à referida «Ilha», por sua vez, com o excelso Nome de DEUS TE GUIE — como quem diz «Deus te guie para uma Conceição Feliz», novamente se dirigiram para o THEATRO S. JOÃO, onde se separaram até o dia de viajarem para LISBOA (tocando em SINTRA e COIMBRA). E, tempos depois, «Caminho às Índias»...

Muitos anos são decorridos e a 28 de setembro de 1921, «no cume de uma Montanha Sagrada», na mesma S. LOURENÇO (2), o precioso Bastão de Comando da referida Missão, qual aconteceu ao Manú inca, Manco-Capac, ao lado de sua companheira, Mama Oclo, para terem o direito de fundar a cidade de CUSCO... Sim, neste mesmo lugar, que o maior gênio de nosso século, que foi o grande cientista e Teósofo espanhol, Dr. Roso de Luna, cognominou de «Capital espiritual do Brasil». E é hoje Sede e Fóro da referida Instituição. E Onde a mesma mandou construir um Templo dedicado à PAZ UNIVERSAL e, consequentemente, à todas as religiões do mundo. Por isso mesmo, Lugar onde a MONADA alcançou o máximo da sua evolução no presente ciclo, ou seja, aos 23° de latitude sul — Trópico de Capricórnio. A seguir, tem lugar a fundação material, que não podia deixar de ser em NITEROI, como capital do Estado do Rio... E onde,

depois de dez anos de LABOR CONSTANTE a favor de semelhante Missão, vai para o Rio de Janeiro, como Capital da República. E, finalmente, a 17 de Agosto de 1952, seus Dois Dirigentes e Principais Protagonistas, fixam residência na capital de S. Paulo, pelo fato dessa mesma Missão já se ter espalhado por todo o Brasil, como repercussão no Continente americano, para não dizer, em diversas partes do mundo.

Sim, em S. Paulo, onde o mesmo José de Anchieta teve papel preponderante na sua fundação. Neste mesmo S. Paulo por onde passa o Trópico de CAPRICÓRNIO, como prova o Monumento que lhe é dedicado no HORTO FLORESTAL. Sim, S. Paulo, o grande Estado bandeirante, desbravador das selvas brasileiras, no próximo ano comemora o seu QUARTO CENTENÁRIO.

Só quem ignora a História da sua própria Pátria, pode ignorar que por todos esses magníficos Lugares — numa obra gigantesca de catequese cristã, para não dizer, «da mais elevada espiritualidade» — andou o santo e ilustre jesuíta, que teve o nome de José de Anchieta!

Real ou divinal CAUSALIDADE, porque uma simples casualidade não se repete tantas vezes, nem glorifica o mesmo Nome de um SÊR, que à Terra veio para completar, ou antes, servir de ARAUTO de uma Obra que, «de direito e de fato», é a expressão máximo da Vontade Divina... E isto, de acôrdo com o «Dura lex, sed lex», que, no caso vertente, ambas as Leis se acham colocadas nas Duas Conchas da Balança que regula a Evolução Espiritual da Humanidade (3).

Res non verba.

(1) Conceição de ITANHAEM, em São Paulo, estreitamente ligada se acha à vida de José de Anchieta.

(2) Em Portugal também existe uma estância hidro-mineral chamada «S. Lourenço dos Anciãos», no Conselho do mesmo nome. Do mesmo nome, ainda, existe uma cidade na possessão portuguesa da Índia, ou seja em GOÁ, o de nome S. LOURENÇO de GOÁ. Finalmente em Itaparica — como padroeiro do Lugar (do mesmo modo que a Virgem da CONCEIÇÃO) — encontra-se este nome num Templo e num Forte, sendo que este, hoje transformado em Escola Pública. E em Niteroi, na sua «enseada».

(3) Quando deixou a arena da vida, uma Irmã que deu entrada na Obra, em Niteroi (onde também esteve José de Anchieta), e que outra não é, sinão, a escritora e poetisa Gracília de Bittencourt Batista — fundadora e Presidente da Rama Hilarião, em Belém do Pará (hoje, Instituto Cultural Hilarião), o Mestre retirou de um coração de flôres, com que foi homenageado no ritual daquele dia (e sem que o mesmo soubesse que ela havia falecido) — uma CRUZ DE OIRO — dizendo que «a mesma pertencera a José de Anchieta, e que devia ser colocada no peito do «cadaver», incumbindo na mesma hora a um grupo de Irmãos que fizesse tal coisa logo a seguir ao referido ritual. Dias depois, essa mesma cruz apareceu na sala de visitas da residência do Mestre, na presença de diversos Irmãos, isto é, a mesma Irmã, depois de «morta», apareceu naquele lugar, pedindo ao Mestre que mandasse colocar a referida cruz no salão da S.T.B., como prova... evidente do referido «fenômeno». E isto, durante 7 dias. Findo esse prazo, a CRUZ desapareceu, mas, voltando — muito tempo depois — e já agora em S. Lourenço (na Vila Helena), na presença, também, de vultoso número de Irmãos da S.T.B.

HOMENAGEM AOS DOIS GRANDES LUMINARES DO TEATRO RELIGIOSO E DO TEATRO POPULAR

H. J. SOUZA

JOSÉ DE ANCHIETA

JOSÉ DE ALENCAR



José de Anchieta

Numa de suas peças teatrais de catequese aos índios — estes mesmos fazendo os seus principais papeis — encontram-se os seguintes versos:

«Evitai,
de hoje em diante sêrdes maus
para extinguirdes vossos velhos habitos
— a bebida, o fétido adulterio,
mentiras, brigas,
ferimentos mutuos, guerras.

Amai o vosso Criador,
engrandecei o Senhor Jesus,
cuja lei virtuosissima,
o padroeiro de vossa terra
S. LOURENÇO, observou.

Homens maus o aprisionaram
e queimaram vivo,
sofreu, suportando o fogo
para ter, depois de morto,
alegria e paz.

Fazei-vos estimar por Ele
amando-O, acatando a sua lei,
confiando mais nele
e de vosso padroeiro,
executando as palavras.

Vinde,
para o lado de Deus no céu,
Trazendo-o em vosso coração
ireis gozar
junto aos que lhe são queridos,
pousando-lhe nos pés».

(O quadro se passa no «Terreiro da Capela de S. LOURENÇO, em Niterói). — Tradução do Tupi.

Comentário: — «Catequizar índios» (ou civilizados caídos em estado de selvagismo, devido catástrofes que os separaram dos demais restantes, pela faixa submersa formar toda a parte marítima existente entre ambas as regiões), equivale a TEATRO, ESCOLA e TEMPLO, na mesma razão de instruir «civilizados» que, no entanto, continuam desviados do Bem e da Verdade. Nesse caso, o termo «catequizar», a ambos se aplica. A primeira estrófe, por nós citada, aconselhando os índios a não beberem, não matarem, etc., em nada difere das leis previstas no Código Penal de todos os países (O autor).

José de Alencar

Trechos iniciáticos do romance «O Guarani»:

Descrevendo a catástrofe: «Foi longe bem longe dos tempos de agora. As águas caíram e começaram a cobrir toda a terra. Os homens subiram ao alto dos montes; um só ficou na varzea com sua esposa. Era Tamandaré: forte entre os fortes; sabia mais do que todos. O Senhor falava-lhe de noite; e de dia, êle ensinava aos filhos da tribo o que aprendia do céu.

Quando todos subiram aos montes, êle disse:

— Ficai comigo; fazei como eu, e deixai que venha a água. Os outros não o escutaram; e foram para o alto; e deixaram êle só na varzea com sua companheira, que não o abandonou.

Tamandaré tomou a sua mulher nos braços e subiu com ela ao ôlho da palmeira; aí esperou que a água viesse e passasse; a palmeira dava frutos que os alimentavam.

A água veio, subiu e cresceu; o sol mergulhou e surgiu uma, duas e três vezes. A terra desapareceu; a árvore desapareceu; a montanha desapareceu.

A água tocou o céu; e o Senhor mandou então que parasse. O sol olhando, só viu céu e água. E entre a água e o céu, a palmeira que boiava levando Tamandaré e sua companheira.

A torrente cavou a terra; cavando a terra, arrancou a palmeira; arrancando a palmeira, subiu com ela. Subiu acima do vale, acima da árvore, acima da Montanha.

Todos morreram. A água tocou o céu três sois e três noites; depois baixou, até que descobriu a terra.

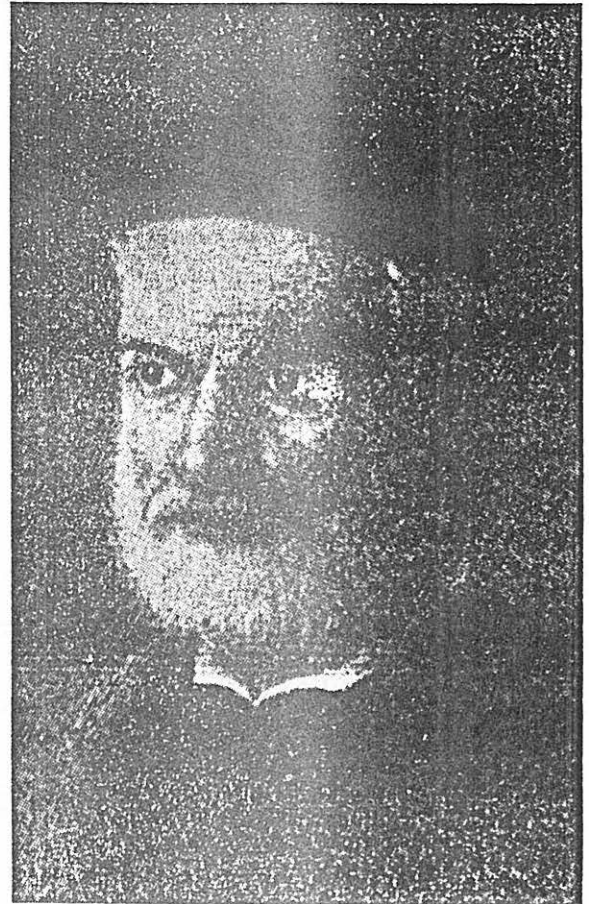
Quando veio o dia, Tamandaré viu que a palmeira estava plantada no meio da varzea; e ouviu a avesinha do céu, o guanumbi, que batia as asas».

Comentário: — Trata-se de uma alegoria do chamado «dilúvio universal». Ou, antes do **Manú** (o mesmo termo TAMANDARÉ, ou **tamoinda-ré**, quer dizer: repovoador, mas, também, «depois da volta, isto é, do ciclo») dirigente do último ramo racial, vergontea da «última sub-raça atlante», onde teve lugar um dos maiores «dilúvios» acontecidos em nosso globo. Agora mesmo, pequenas «catástrofes» estamos presenciando (além das modificações climáticas, atmosféricas, etc.), provocadas pelas explosões atômicas. O que também faz crêr em catástrofes muito maiores, além do mais, «por estarmos no Fim de um ciclo apodrecido e gasto, para o alvorecer de um outro portador de Paz e Felicidade para o mundo». O nosso lema SPES MESSIS IN SEMINE («a esperança da colheita reside na SEMENTE») é a mais expressiva confirmação de tamanha verdade.

Final do romance, falando da salvação de PERÍ e CECÍ, «fugindo da tempestade». E a caminho do litoral, para cumprir a promessa feita pelo índio ao seu amigo D. Antonio de Maris, «de que levaria a sua filha até Lisboa, para entregá-la à sua família».

«A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia. E sumiu-se no horizonte...»

O autor.



O insigne Jesuita Antonio Vieira

Não podia deixar de figurar num estudo que enaltece as figuras ilustres dos Pes. Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, que tão brilhante concurso prestaram à História Pátria, inclusive na fundação de S. Paulo, o grande orador sacro Antonio Vieira. Além do mais, porque há uma passagem interessante da sua vida, que se prende a do Dirigente da Missão em que a S.T.B. se acha empenhada. Trata-se da seguinte: como se sabe, Antonio Vieira não foi dos melhores alunos do Colégio jesuita baiano. Mas, fervoroso devoto da Virgem Maria — tal como José de Anchieta — «orava diárialmente no seu altar, quando um estálido se fez sentir na sua cabeça, caindo êle por terra. Quando despertou daquele deliquio (que para nós Teósofos, «é a manifestação de Kundalini», ou quando «o discípulo se torna um Adepto»), era uma outra pessoa. Suas obras, seus sermões e tudo mais quanto surgiu daquele portentoso cérebro, respondem pelo fenômeno.

Pois bem, foi neste mesmo altar, onde teve lugar o referido fenômeno, que se deu «a consagração, à

HINO NACIONAL BRASILEIRO - VERSÃO GUARANÍ (*)

NHEENGARIÇÁUA RETAMAUARA

Tenente Ulysses Medeiros

Jendü Ipiranga jecê quiririm
Carai cuêra catupyryú sapucay sumum
Já quaray o poy chuguy, tupã verã
Overa ivagape co retam co agna itê
Já-angü já heicha itê
Já jopyty pyjy ajubã atam,
Nde rendape oicôma,
Nhanderecã nhande pyã o manó voy!
Nde chê retam rayjü
Manguécoy
Momaítei! Momaítei!

Brásil, peteim kera pucü, peteim tupã oicoveva
O jayjü já o jaárova ivy oguéji,
Já nde porrava ivogape pucã potyva,
Já juánga curuzü jacy-tatã jéçapeva
Tuichava jahé jaejaicha,
Nde porã, nde mbaretê, pyaguasspu jetã,
J' nde rivê quavã o jechucã co tuichava,
Ivy ro juijüeteva
Ijapytepe jetaveva
Ndente-co Brásil
Nde Retam rayjü!

Tayra co ivyguí jaé cy jory
Retam rayjü
Brásil!

O nhenova já o pylava tupã porape,
O sunum y juqui overa ivaga jupi,
Re mimbiva nie Brásil, ivoty America peguí
O jéçapeva co quaray ouajü ivora!
Ja co ivy o jéguaveva
Nde roryva nhü, guerecove ivotu,
"Nhande caágui jóçaveva"
Nhande roçã nde pytiatê jaijüveva
Nde chê retam rayjü
Manguécoi
Momaítei! Momaítei!

Brásil, mboraijüeteva nden-te que na
Aó-vevé jocó jacytatandie,
Já eré akira-jubã co aó-vevé
"Apyrivê tenonderã mombaeté cué"
Jepé remopuã jechã cuaã atã
Re jechã varã pe nde ray ndo canhi varã nhorairogui
Ndo quijyjetê, pe nde rayjüva, re manoro!
Ivy ro jaijüeteva
Ijapytepe jetaveva
Ndenteco Brásil
Nde retam rayjü!

Tayra co ivyguí jaé cy jory
Retam rayjü
Brásil!

(Extraído de "O Sul de Minas" n.º 307, de 8 de março de 1953)

(*) A presente versão do Hino Nacional Brasileiro é mais uma oferta gentil do ilustre militar, Cel. Arlindo Viana (nôta da red.).

SUBLIME CAUSALIDADE!

Conclusão

Quem poderá negar que aquela mesma Irmã foi a mãe do grande apóstolo e catequizador José de Anchieta? Mistérios da Missão Y... Sim, porque de fenômenos iguais e superiores a esse a sua História está cheia...

Não falemos que a vida de José de Anchieta, tal como a de JHS, deu ao seu maravilhoso Trabalho, o caráter, ao mesmo tempo, de Escola, Teatro e Templo. Escola, ensinando os índios a trabalhos mais práticos, isto é, de acordo com a civilização, chegando ao ponto de lhes dar papéis artísticos para representar (todos eles de ordem religiosa), nesse caso, e ao mesmo tempo, TEATRO RELIGIOSO.

Não se pode negar que, na «História do Teatro Brasileiro», José de Anchieta e José de Alencar são os dois eternos e prodigiosos PILARES em que o mesmo se assenta. Sim, o primeiro vindo da sua terra para o Brasil, afim de catequizar os índios. E isto, bastante doente (segundo sua biografia), a ponto do provincial dos jesuítas não querer tal coisa, e ele responder: «Irei para o Brasil, mesmo que para morrer». No entanto, «veio e sarou»... Quanto ao segundo, filho da própria Terra, fixou — dois séculos depois — os traços de nosso TEATRO POPULAR, indo buscar nas cenas da vida indígena (O Guarani, por exemplo, do qual já nos ocupamos no penúltimo número deste periódico), os motivos permanentes dos escritos que lhe dariam no romance e no drama, a fulgente glória que o coloca na vanguarda de todos os escritores nacionais.

Sim, dois Josés, ou JOTAS, firmando a décima letra dos vários alfabetos ocidentais, que, em boa Cabala, é a RODA DA FORTUNA... mas, também, Malkuth, o Reino, etc., como quem diz: «meu REINO não é deste mundo». Do mesmo modo que, dois AA, como primeira letra da maioria dos alfabetos orientais e ocidentais, representando a própria Divindade... (O autor).

VIEIRA

Conclusão da pag. 59

mesma Virgem, do Dirigente da Missão em que está empenhada a Sociedade Teosófica Brasileira. Sua Mãe, que era muito católica, fez questão que seu filho passasse por aquele ritual, o que foi levado a efeito pelo então arcebispo da Bahia, D. Jerônimo Tomé da Silva.

A cêla do famoso jesuíta, na catedral baiana (Igreja do Salvador, em cujo frontespício — «como calouro» — os estudantes da Faculdade de Medicina colocaram aquele que é hoje o Dirigente da Obra em que a S. T. B. está empenhada), é conservada com todo carinho e respeito. E nela figura a sua cadeira, com uma correntete, afim de não ser profanada por estranhos.

Padre Antonio Vieira também era profundo conhecedor da língua tupi-guarani.

IMPRESSO NA

GRÁFICA IRMÃOS GIBIN S. A.

Rua Carnot, 94 - S. Paulo